

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Priscila de Abreu Bortoletti

Eu não escuto nada, só vejo:

narrativas sobre “ser surdo” e a educação bilíngue.

Porto Alegre

1º semestre

2013

Priscila de Abreu Bortoletti

Eu não escuto nada, só vejo:

narrativas sobre “ser surdo” e a educação bilíngue.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Lodenir Becker Karnopp.

Porto Alegre
1º semestre
2013

AGRADECIMENTOS

Durante a realização deste trabalho e momento de finalização deste curso quero muito agradecer: Primeiramente a minha família, principalmente meus pais, que foram e ainda são meus alicerces. Mantiveram-me em pé a cada obstáculo, incentivando o enfrentamento desses desafios e proporcionando que meus passos me levassem a escolhas do rumo profissional que hoje optei, trabalhar com alunos surdos. Muito obrigada por terem acreditado em minhas potencialidades e pela seguinte frase: “Somente caranguejo anda para trás” nos momentos em que pensava em desistir, por medo de não conseguir. Aprendi com vocês que não há limites quando se tem metas frente ao que deseja; que os obstáculos vem para que o sabor da vitória seja ainda mais saborosa. O que dizer dos meus irmãos e cunhada, Anderson, Eduarda e Débora, que demonstraram todo amor e incentivo diante das crises perante as “pesadas” demandas que me faziam ausentes.

A minha orientadora, professora Lodenir Karnopp, que esteve ao meu lado desde início da caminhada nesta área, proporcionando momentos de intensos aprendizados. Obrigada por ter dedicado seu tempo para a leitura atenta deste trabalho e por ter acreditado na minha capacidade de escrita, pois sempre dizia: “com certeza teu trabalho deve estar muito bom”. Desta forma, ao mesmo tempo, que me acalmava também me deixava nervosa e ansiosa frente à insegurança de acreditar em mim mesma. Aprendi e muito com isso, muito obrigada!

Tenho que dedicar um agradecimento mais que especial para a pessoa que esteve ao meu lado durante cada capítulo delineado neste trabalho, minha amiga e orientadora de coração, professora Liliane Giordani. Não tem palavras que demonstre o quanto me senti honrada em perceber sua dedicação e paciência para me auxiliar. Seu apoio, leitura atenta, orientações e palavras motivadoras auxiliaram e muito para que este trabalho se concluísse. Muito obrigada!

Como não citar as minhas grandes amigas Ângela Gieseler, Cristiane Flores, Fabiana Rocha, Viviane Malheiro e tantas outras que se fortaleceram neste semestre pelas noites de companhia “*onface*” diante das demandas deste trabalho. A amizade de cada uma das citadas e não citadas contribuíram para noites de escritas mais leves, pelas risadas e descontrações. Logicamente, que não poderia deixar de agradecer as minhas amigas e conselheiras, Juliana Pokorski e Janete Müller. Essa dupla é fantástica e dedicaram seu tempo para a leitura do meu trabalho, lançando dicas e ideias que fizeram com que eu refletisse sobre futuras escritas para além deste TCC, perante a temática estudada. Muito obrigada gurias!

RESUMO¹

O trabalho objetiva investigar, nas produções culturais surdas, as narrativas sobre “ser surdo” e sua relação para a construção da educação bilíngue. Esta pesquisa documental envolveu descrição e análise de narrativas em Libras, produzidas por acadêmicos do Curso de Letras-Libras que frequentaram a disciplina de Literatura Surda, em 2010. Fundamentada na perspectiva do campo dos Estudos Culturais em Educação e Estudos Surdos, minha escrita está baseada nos seguintes autores: Skliar; Cavalcanti; Perlin; Lopes; Karnopp. A questão que orientou este estudo foi: Como estão narrados os modos de ser surdo nas produções culturais surdas e como podem contribuir para a construção da educação bilíngue para surdos? O objeto de pesquisa constituiu-se nas produções culturais em vídeos do banco de dados do projeto de pesquisa “Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira”. Os vídeos tematizam os modos de narrar o ser surdo, seja considerando o caráter opcional e/ou instrucional, tencionando a educação bilíngue. Das recorrências percebidas, organizei duas unidades analíticas: diferença e educação. Entre os achados, destaca-se a ideia do sujeito surdo constituído pela experiência visual, com identidade e cultura envolvidas pela perspectiva da diferença. As narrativas contribuem para o pensamento de uma proposta educacional bilíngue, que privilegie tais referências.

Palavras-chave: Narrativas surdas. Educação Bilíngue. Libras.

¹BORTOLETTI, Priscila de Abreu. *Eu não escuto nada, só vejo: narrativas sobre “ser surdo” e a educação bilíngue*. Porto Alegre, 2013. 48p. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Pedagogia. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2013.

Sumário

1	APRESENTAÇÃO	6
2	CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA(DORA)	8
2.1	Caminhos que me guiaram para esta temática.....	8
2.2	Curso de Letras-Libras: espaço e sujeitos da pesquisa.....	10
3	TERRITÓRIOS INVESTIGATIVOS: olhar para a educação de surdos no Brasil	12
3.1	Concepções sobre a Educação de Surdos	12
3.2	Contexto da educação bilíngue para surdos no Brasil	15
4	A PESQUISA - delimitando as primeiras pegadas	17
4.1	Os passos da pesquisa: trabalhando com o material empírico.....	18
5	NARRATIVAS SURDAS - capturando modos de ser surdo	23
5.1	Narrativas surdas: uma diferença linguística e cultural.....	25
5.2	Narrativas surdas: contribuições culturais para uma perspectiva de educação bilíngue... ..	34
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS – perspectivas futuras	42
7	REFERÊNCIAS	44

1 APRESENTAÇÃO

O presente trabalho intitulado “*Eu não escuto nada, só vejo: narrativas sobre “ser surdo” e a educação bilíngue*” é uma pesquisa qualitativa de vertente documental, das quais apresento análises de narrativas de nove (9) vídeos produzidos pelos acadêmicos do curso de Letras-Libras, turmas de 2010, na disciplina de Literatura Surda. É interessante enfatizar que o trecho de um dos vídeos, que compõem o bloco analítico, constituiu o título deste trabalho por seu caráter significativo de expressão da principal marca surda: a experiência visual. O material e temática me atraiu devido à imersão nos estudos voltados para a cultura surda, em dois anos e meio de participação no projeto de pesquisa “Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira”, e experiência em escola de surdos, através do estágio obrigatório do Curso de Pedagogia. Esses dois acontecimentos provocaram minha inquietação para ampliar a reflexão docente acerca do ensino bilíngue para surdos.

O objetivo da pesquisa, filiado ao campo dos Estudos Culturais em Educação e Estudos Surdos, foi de investigar, nas produções culturais surdas, as narrativas sobre “ser surdo” e sua relação para a construção da educação bilíngue. A partir dessas produções literárias, que abrangem as seguintes narrativas: contos, poemas e fábulas em Libras, discuto: como estão narrados os modos de ser surdo nas produções culturais surdas e como podem contribuir para a construção da educação bilíngue para surdos?

Deste modo, o trabalho está organizado em cinco capítulos, das quais alguns são compostos por subcapítulos, apresentados da seguinte forma: O primeiro capítulo denominado “Contextualizando a pesquisa(dora)” contém dois subcapítulos: um onde me contextualizo enquanto pesquisadora, trazendo um pouco da minha história pessoal, que foi trilhada de tal forma a proporcionar experiências, que promoveram o encantamento por esta área e imersão nas temáticas abordadas, levando-me à escolha de desenvolvimento deste estudo; e no outro subcapítulo apresento o espaço de onde foi coletado o material empírico, objeto de estudo, e contextualizo os sujeitos, produtores desses vídeos.

O segundo capítulo intitulado “Territórios investigativos: olhar para a Educação de Surdos no Brasil” também possui dois subcapítulos. Um deles se refere às concepções que fundamentam este trabalho teoricamente, para o estudo do material empírico em questão. Já o outro subcapítulo aborda o viés da educação brasileira e da educação bilíngue, apontando inquietações a serem discutidas nas análises.

O terceiro capítulo nomeado “A pesquisa - delimitando as primeiras pegadas” apresenta aspectos conceituais que envolvem o trabalho teórico-metodológico além de incluir

o subcapítulo: “Os passos da pesquisa: trabalhando com o material empírico”, para detalhamento dos critérios de seleção do objeto de estudo.

O capítulo posterior “Narrativas surdas - capturando modos de ser surdo” apresenta o bloco analítico deste trabalho, com discussões referentes à questão de pesquisa, buscando respondê-la, tendo em vista o alcance do objetivo do estudo. Desta forma, há subcapítulos, que abrangem as narrativas selecionadas, em que foram analisados os modos de “ser surdo” narrados nesses vídeos assim como os aspectos educacionais evidenciados neste material, que contribuíram para a construção da educação bilíngue que almejam.

Por fim, o último capítulo é referente às “considerações finais – perspectivas futuras” onde traço meus comentários sobre o desenvolvimento deste trabalho, bem como me atrevo a pontuar algumas questões que me instigam a continuar pesquisando esta temática.

2 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA(DORA)

2.1 Caminhos que me guiaram para esta temática

Muitas vezes insistimos em não acreditar que todos nós temos um caminho a ser trilhado e passamos a nos dar conta disso quando paramos e olhamos para trás. Por isso, ao escrever esta trajetória percebi que o contato com professores, colegas e pesquisadores surdos e ouvintes, possibilitou-me uma imersão neste mundo linguística e culturalmente diferente, assim como inúmeras experiências nesta área.

Meu interesse inicial era pela Educação Especial, devido a minha imersão, a partir de 2004, em espaços de contato com pessoas com deficiência. Acreditava que aquele era meu lugar. Visitava, com um grupo de amigos, semanalmente, um lar que carregava a nomenclatura “Lar dos Excepcionais”. Naquele espaço auxiliávamos nas atividades de lazer e alimentação, pois muitos necessitavam que a comida fosse dada na boca. Essas pessoas se sentiam muito carentes, devido ao abandono por parte da família. Entretanto, o que me encantava eram suas habilidades intelectuais, não valorizadas e, muitas vezes invisibilizadas, pelos outros, que os viam sob o olhar da incapacidade. Essas visitas foram se tornando cada vez menos frequentes, por causa de outros compromissos. Elas duraram até 2006.

Então, em 2008 tive meu primeiro contato com uma pessoa surda, sendo assim considero que iniciei meu interesse pela área da “Educação de surdos” antes de entrar na universidade. Esse contato aconteceu numa oficina de Libras, que participei enquanto cursava o Curso Normal – Magistério. Fiquei interessada por essa língua e senti necessidade em saber me comunicar com pessoas surdas, para transmitir, diretamente, o que gostaria para a ministrante, que era surda. Em 2009, durante meu estágio obrigatório do magistério, mesmo com pouco conhecimento dessa língua, que me fascinou ao primeiro olhar, fiz, em conjunto com a professora/estagiária da tarde, minha grande amiga Simone Dornelles, um alfabeto ilustrado, no qual constava os sinais de cada letra. Com isso, iniciamos, cada uma com sua turma, o ensino da datilologia do nome, além de alguns sinais básicos, como: *oi, tudo bem? Bom dia!* O interesse por parte dos alunos foi tanto que, todos os dias, os alunos pediam para sinalizar uma música de saudação². Ao final do meu estágio, os alunos sinalizaram toda a música sem que precisasse cantá-la. Hoje em dia, percebo que esta prática foi um processo de aprendizagem, porque minha visão se modificou, considerando que fiz o português sinalizado.

² Música sinalizada: Olá crianças bom dia, olá que bom ver vocês, com palmas e muita alegria, bom dia, bom dia, bom dia.

Porém, não deixou de ser uma maneira de mostrar para esses “pequenos” que há outra língua e a importância deles reconhecê-la como tal.

Com o ingresso na universidade tive a disciplina, no primeiro semestre, “Educação Especial e Inclusão”, que trouxe algumas concepções relacionadas à área da Educação Especial, que hoje carrego comigo. Após, iniciei minha monitoria na disciplina de Libras. Nesse período também iniciei minha participação voluntária na Pastoral dos surdos de Porto Alegre, onde ganhei meu sinal na Libras³ (letra “P” ao lado do olho, por tê-lo um pouco puxado). Entretanto, ainda não sabia muito a língua de sinais, apenas sinalizava “oi”, “tudo bem”, “meu nome” e “não sei Libras”. Por isso, quando os surdos vinham conversar comigo, eu não conseguia me comunicar de modo mais fluente. Foi então que resolvi fazer um curso de Libras, em uma escola de surdos, conseguindo obter uma comunicação tanto nas aulas de Libras da universidade (na monitoria), quanto aos sábados, nos encontros da pastoral. Assim, fui me encantando cada vez mais por essa língua e percebendo que era muito mais que uma diferença linguística, pois envolvia diferença cultural.

Meu curso de Libras durou dois anos e meio e aprendi muito. Dentre este tempo me tornei bolsista de Iniciação Científica da professora Lodenir Karnopp, de quem já era monitora. Então iniciei um trabalho de coleta, registro e análise de produções culturais surdas, junto ao grupo do qual participo, sendo o projeto de pesquisa intitulado “Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira”. Nesta pesquisa, passei a fazer leituras importantes e discuti-las em grupo, além de realizar escritas sobre o assunto. Também foi possível realizar, com outros integrantes da pesquisa, uma coleta de dados com saída de campo, na qual tive a oportunidade de conhecer surdos de outro estado, possibilitando assim reconhecer a diversidade linguística e cultural em dois estados brasileiros. Para aprofundar as leituras na área, fiz as disciplinas eletivas de Libras II e Educação de Surdos que me auxiliaram em relação ao entendimento da educação e cultura surda.

Todas essas vivências me levaram a um desafio que teve grande importância na minha vida, que foi meu estágio obrigatório do Curso de Pedagogia, realizado em uma escola de surdos. A professora da turma, com quem tive uma produtiva docência compartilhada, foi a pessoa que ministrou a oficina de Libras, há três anos, quando meu interesse pela área iniciou. Neste segundo encontro, conseguimos nos comunicar e aprendi muito com ela.

Devido à imersão na área e, principalmente, com essa experiência docente em uma escola de surdos, a escrita deste Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) focaliza as narrativas

³ Marca dada a pessoa de forma a identificá-la, como se fosse seu nome. Essa marca é dada, geralmente por surdos a partir de alguma característica visual, por exemplo, um sinal de nascença, uma cicatriz.

em Libras. Minhas reflexões docentes traziam a importância das histórias contadas e discutidas nesta língua, própria dos surdos. O espaço de coleta dessas narrativas foi o banco de dados do Pró-cultura⁴, tendo como foco as produções literárias produzidas pelas turmas de 2010, na disciplina de Literatura Surda, no Curso de Letras-Libras.

Assim, tal envolvimento com as questões culturais, das produções literárias, se deu pelo desafio de análise e busca por relações com uma perspectiva bilíngue. Minha tentativa, a partir das narrativas, foi de perceber os modos de “ser surdo” narrados e a educação que esses acadêmicos estão narrando. Essa escolha, além da afinidade com meu estágio de docência, abrange meus estudos durante o tempo de bolsista no projeto de pesquisa, pois esses dados, como previamente salientei, foram coletados neste projeto e com essa escrita foi possível aprofundar mais as análises deste material, promovendo a relação entre cultura e educação.

Desta forma, para iniciar o trabalho julgo importante apresentar para os leitores o espaço onde foram coletados os materiais empíricos assim como a apresentação dos sujeitos das narrativas em estudo, contextualizando, a seguir o material aqui pesquisado.

2.2 Curso de Letras-Libras: espaço e sujeitos da pesquisa

O Curso de Letras-Libras⁵ oferece duas modalidades: Licenciatura e Bacharelado. Esse curso é uma iniciativa da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), responsável pela formação de profissionais na Língua Brasileira de Sinais para o ensino da Libras ou tradutores-intérpretes. Ele iniciou em 2006 e conforme Karnopp (2012, p.16), principalmente, após o Decreto 5.626/05 “[...] ações promovidas por Instituições de Ensino Superior têm potencializado a formação de educadores bilíngues e intérpretes de Libras”. Na modalidade de ensino à distância, as turmas iniciaram em 2008, sendo quinze polos institucionais no Brasil. Deste total, dez turmas, desses diferentes polos, disponibilizaram suas produções em vídeo para uso no projeto de pesquisa⁶.

Cabe destacar que o funcionamento do curso, as aulas, os materiais disponibilizados, as atividades desenvolvidas, bem como a comunicação entre professores, tutores e acadêmicos, são realizadas principalmente na Língua Brasileira de Sinais - Libras. É um ambiente de aprendizagem com acessibilidade bilíngue, onde há vídeos em Libras e textos escritos em português. É possível interagir com professores, tutores e colegas acadêmicos,

⁴ Nomenclatura usada para referenciar o projeto de pesquisa “Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira”.

⁵ Mais informações sobre o curso podem ser obtidas em sua página na internet: <<http://www.libras.ufsc.br/>>.

⁶ Refiro-me a pesquisa “Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira”, “Pró-cultura”, de onde retirei o objeto de estudo.

discutindo ideias e qualificando estudos. Sendo assim, é nesse currículo, marcado pela experiência visual, que se dá a aproximação e a convivência com outros surdos, constituindo um sentimento de pertencimento à comunidade.

Este Trabalho de Conclusão está situado em um espaço que envolve surdos e simpatizantes ouvintes, no caso a maioria dos intérpretes, pertencentes a comunidade surda e envoltos de discursos da diferença. Minha intenção não é generalizar, apontando que todos os surdos defendem a concepção que apresento ao longo desta escrita, sendo usuários da língua de sinais e tendo uma identidade surda, pois como enfatiza Skliar (2010):

[...] Às vezes, ao falar dos “surdos” podemos, involuntariamente, descrever somente os surdos homens, brancos, de classe média, que frequentam as instituições escolares, que fazem parte dos movimentos de resistência, que lutam pelos seus direitos linguísticos e de cidadania, etc. [...] Seria um equívoco conceber os surdos como um grupo homogêneo, uniforme, dentro do qual sempre se estabelecem sólidos processos de identificação. (SKLIAR, 2010, p. 14).

Há diferentes experiências de pessoas surdas: aqueles que preferem oralizar, aqueles que não frequentam as comunidades surdas, entre outros. Mas, o recorte aqui feito é em um espaço de acadêmicos do curso de Letras-Libras, formados por surdos e ouvintes, usuários da Libras, que compartilham da mesma concepção com relação à educação e cultura surda, e, na sua maioria, pertencem as comunidades e movimentos surdos.

Deste modo, os acadêmicos do Curso de Letras-Libras, a partir da realização do trabalho final na disciplina de Literatura Surda, em 2010, construíram narrativas registradas em suporte digital (vídeos), potencializando a cultura surda através de artefatos que emergem de diferentes polos e regiões brasileiras: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade do Estado do Paraná (UEPA), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Instituto Federal de Educação e Tecnologia de Goiás (IFET-GO), Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Universidade de Brasília (UnB), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN). Desenvolvidas de forma individual ou em grupo, essas produções foram enviadas para a professora⁷ responsável da disciplina Literatura Surda e tabuladas em uma planilha assim como os vídeos foram guardados em um arquivo, formando o banco de dados do Pró-cultura. Essas produções apresentam variações linguísticas, o que demonstra a singularidade e complexidade dessa língua. Foi a partir deste banco de dados que selecionei o material empírico para desenvolvimento do estudo em questão.

⁷ Coordenadora do grupo de pesquisa “Pró-cultura”.

3 TERRITÓRIOS INVESTIGATIVOS: olhar para a educação de surdos no Brasil

Neste capítulo apresento as concepções que fundamentam este trabalho e direcionam meu olhar ao objeto de estudo. A partir dessa breve contextualização, apresento brevemente como é percebida a educação brasileira, destacando minhas inquietações para adentrar nos materiais de análise.

3.1 Concepções sobre a Educação de Surdos

[...] Os surdos começam a se narrar de uma forma diferente, a serem apresentados por outros discursos, a desenvolverem novas identidades surdas, fundamentadas na diferença. (SKLIAR, 1999, p.12).

Este trabalho se fundamenta no campo dos Estudos Culturais em Educação, por entender a cultura como campo de luta em torno de significação social e aos Estudos Surdos, por conceber a cultura surda como espaço de contestação e de constituição de identidades e diferenças que determinam a vida de indivíduos e de populações. Conforme Nídia de Sá (2002, p.8) “[...] a educação de surdos continua sendo um território repleto de incompreensões, contradições e contrastes.” Isto acontece devido às discussões geradas em torno do reconhecimento e valorização de sua língua, cultura, identidade e reivindicação de uma educação bilíngue para surdos, voltados para o viés da diferença. Esses discursos são próprios das comunidades, que se sentem pertencentes a uma identidade diferenciada, sendo um deslocamento do olhar da deficiência, visão clínica, para um olhar mais cultural.

Será adotada para esta escrita a concepção de surdez na perspectiva da diferença, conforme apresentado por Skliar (2010) que entende a diferença como:

[...] significação política, é construída histórica e socialmente; é um processo e um produto de conflitos e movimentos sociais, de resistências às assimetrias de poder e de saber, de uma outra interpretação sobre a alteridade e sobre o significado dos outros no discurso dominante. (SKLIAR, 2010, p. 6).

Assim, há um deslocamento do discurso da Educação especial, viés focado na deficiência, “falta de algo”, para uma visão cultural, presente na perspectiva educacional dos surdos. Essa ainda parece não ser compreendida em seu âmbito, tendo constantes atravessamentos clínicos e, por este motivo, envolvido em lutas para seu reconhecimento antropológico⁸, cultural e social.

⁸ Apesar de este modelo antropológico descrever a surdez por um viés de oposição às noções de patologia e de deficiência não está, totalmente, separado do modelo clínico quando o assunto é um espaço educacional. (SKLIAR, 2010). Dessa forma, tomo como base este modelo para deslocamento do discurso surdo do discurso sobre a deficiência.

Recentemente, posso afirmar que o surdo é um sujeito linguisticamente e culturalmente diferente, pelo uso de uma língua reconhecida na Lei nº 10.436/02 a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Essa Lei reconhece a “[...] Libras como meio de comunicação e expressão [...]” (BRASIL, 2007, p. 4). Entretanto, para chegar a essa lei houve diversas lutas, na qual me reporto à declaração da UNESCO que, em 1984, salientou a necessidade de reconhecimento da língua de sinais como sistema linguístico legítimo e a Federação Mundial do Surdo que, em 1987, conforme aponta Karnopp (2005, p. 230) “[...] adotou sua primeira Resolução sobre Língua de Sinais, rompendo com uma tradição oralista”. Desta forma, o surdo passou a se constituir como um sujeito da experiência visual, que “fala com as mãos e ouve com os olhos”, por essa ser, como ressalva Sá (2002), uma das formas de obter informação e compreensão do que acontece no seu entorno.

As lutas são contínuas pela valorização da língua e pelo reconhecimento da cultura surda, pois a língua é uma marca cultural. Neste campo de estudo, cultura representa modos de vida na comunidade surda dentro de uma sociedade ouvinte. Essa cultura constitui a identidade surda que é o modo de “ser surdo” e que vai além da forma de comunicação. Conforme Perlin (2004, p. 78): “A cultura surda é o lugar para o sujeito surdo construir sua subjetividade de forma a assegurar sua sobrevivência e a ter seu *status quo* diante das múltiplas culturas, múltiplas identidades”.

Durante muitos anos os surdos foram e ainda são submetidos a práticas oralistas, pertencentes ao modelo clínico, nas quais era defendida uma educação firmada pela integração dos surdos a sociedade ouvinte. No entanto, para que essa integração ocorresse, eles deveriam treinar a fala, porque a direção para a “normalidade”, na comunidade ouvinte, era a oralização. (PERLIN; STROBEL, 2006). Os movimentos surdos querem escolas bilíngues, que privilegiem o ensino através da língua de sinais. Como esses movimentos estão se fortalecendo e cada vez mais suas reivindicações estão sendo amparadas pela lei, as escolas estão tendo que atender a questão do bilinguismo. Como traz o documento intitulado “Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva” (2008), na qual cita o Decreto nº 5.626/05 que regulamenta a Lei nº 10.436/02, afirmando que sua aprovação visa o acesso de alunos surdos à escola regular, por alegar:

[...] a inclusão de Libras como disciplina curricular, a formação e a certificação de professor, instrutor e tradutor/intérprete de Libras, o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua para alunos surdos e a organização da educação bilíngue no ensino regular. (BRASIL, 2008, p. 4)

Entretanto, para que haja uma educação bilíngue, não basta haver o uso da língua por meio do intérprete, pois a Libras é uma língua completa, que se difere da língua falada, no

caso a Língua Portuguesa. A língua de sinais ao ser produzida, basicamente pelas mãos, apresenta parâmetros, isto é, “[...] propriedades de configuração de mãos, movimentos, locações, orientações de mão e dos aspectos não-manuais dessa língua.” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p.50).

Assim, essa pedagogia da diferença⁹ envolve a valorização da língua, da cultura e, principalmente, da experiência visual, pois é desta experiência que surge a cultura surda: “[...] a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico.” (PERLIN; MIRANDA, 2003, p. 218). Este contexto visual constitui as identidades surdas, porque conforme destacado pela Perlin (2004, p.78): “[...] Todas as identidades, como disse Hall (1997), são constituídas dentro das culturas e não fora delas, pois, no interior dos discursos culturais, existem possibilidades de subjetivação”. Neste excerto a autora apresenta a concepção de Hall (1997), me remetendo a complementar com a questão das “múltiplas identidades”, das quais este autor salienta que:

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática. Ela tornou-se politizada e esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política da diferença. (HALL, 2005, p.21).

Enfatizo este ponto das “múltiplas identidades” porque as questões ressaltadas trazem as lutas em comum entre os surdos, frequentadores do espaço analisado. Isso me direciona para a “invenção da comunidade”, em que Lopes (2007) salienta que: “a invenção da comunidade como espaço de luta política busca, às vezes, o apagamento das diferenças dos indivíduos em nome de uma luta maior e em torno do reconhecimento de uma identidade mesma.” (2007, p. 73). Ou seja, não há um pensamento unificado, opiniões iguais, mas diante da necessidade, de constante resistência, o grupo que defende um ideal, como por exemplo, uma educação para os surdos, se une como forma de oposição as imposições ouvintistas¹⁰. Assim, aponta para a questão de que as “[...] identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com a maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito.” (PERLIN, 2004, p. 77).

Como ressaltei, no capítulo anterior, estou me referindo a um grupo específico, usuário e defensor de sua língua própria, neste caso a Língua Brasileira de Sinais – Libras, tendo um material de caráter instrucional que narra modos de “ser surdo”, transmitidos

⁹ Pedagogia fundamentada na “subjetivação cultural”, ou seja, “[...] fala de um Outro constituído na trama de sua identidade [...]”. (GIORDANI, 2010, p. 96).

¹⁰ Imposições corretivas e normalizadoras. Práticas que impediam a visão da surdez fora de uma lógica normalizadora pelo seu enfoque “clínico-reabilitador”. (LOPES, 2007)

através da literatura. Nas produções literárias em Libras analisadas, esses acadêmicos¹¹, do curso de Letras-Libras, apontam suas críticas assim como os modos de “ser surdo” pelo olhar cultural e da diferença.

3.2 Contexto da educação bilíngue para surdos no Brasil

Ao me deparar com a riqueza linguística e cultural presente na escola de surdos, onde realizei meu estágio de docência, pude perceber um viés colonialista da educação brasileira. Mesmo diante da lei federal 10.436/02, que oficializa a Libras, e o decreto 5.626/05, que salienta a educação bilíngue, tendo o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua, a educação continua impondo a possibilidade monolíngue como forma de escolarização, ou seja:

[...] Ignora-se, portanto, que temos falantes de famílias imigrantes (japoneses, alemães, italianos, espanhóis, etc.), os de várias comunidades indígenas que falam várias línguas nativas (mais de 170 línguas indígenas de famílias totalmente diferentes) e, também, “falantes”, digo, “sinalizantes” da língua de sinais brasileiras (os surdos e familiares de surdos brasileiros). (QUADROS, 2012, p. 27).

Ao utilizar o termo monolíngue, remeto a Cavalcanti (1999) que salienta a existência do “mito de monolinguismo” no país, considerando que: “Esse mito é eficaz para apagar as minorias, isto é, as nações indígenas, as comunidades imigrantes e, por extensão, as maiorias tratadas como minorias, ou seja, as comunidades falantes de variedades desprestigiadas do português”. (1999, p. 387). Neste sentido, o “mito do monolinguismo” abrange a língua de sinais, pois a língua dominante na escolarização dos surdos é o português. Com este apagamento da língua de sinais também se torna invisível a diversidade cultural, pela minimização a sua importância.

Entretanto, mesmo havendo “[...] um processo de naturalização da invisibilidade desse tipo de bilinguismo.” (CAVALCANTI, 1999, p. 398), ser bilíngue, recentemente, é uma necessidade contemporânea, por causa dos avanços tecnológicos que possibilitam o rompimento de fronteiras a fim de termos acesso a outros países, suas línguas e culturas. Com os ambientes virtuais é possível conexões com as várias línguas faladas e sinalizadas dentro do Brasil e isso, além de dar visibilidade, também potencializa as línguas, as comunidades e as culturas.

Como os surdos vivem em meio a uma sociedade ouvinte, considero que a situação bilíngue deste grupo é social, pois “[...] os surdos, constituindo um grupo minoritário, estão

¹¹ Os alunos desse curso são formados por surdos e ouvintes.

obrigados ao bilinguismo, enquanto os ouvintes seguem sendo monolíngues.” (KARNOPP, 2005, p. 227).

Ao ponderar essas questões linguísticas e culturais e o forte aspecto colonialista presente na educação brasileira, localizo a temática e o problema de pesquisa que pretendo desenvolver. Proponho uma reflexão acerca da educação e cultura surda, com o propósito de investigar nas produções culturais surdas as narrativas sobre o ser surdo e sua relação para a construção da educação bilíngue. O material empírico para a análise dessa temática, como já ressaltai, foi selecionado dos trabalhos finais realizados na disciplina de Literatura Surda, em 2010, do Curso de Letras-Libras, na modalidade de Ensino a Distância. Para tanto, ao longo do estudo proposto pretendo evidenciar como estão narrados os modos de “ser surdo” nas produções culturais surdas e como podem contribuir para a construção da educação bilíngue para surdos?

Esta análise possibilita olhar para as narrativas surdas que foram registradas em vídeo, para compreensão sobre surdo e surdez apresentados pelos acadêmicos. Esse estudo permite entender a relação entre os modos de “ser surdo” e as orientações que indicam a importância de uma proposta de educação bilíngue.

4 A PESQUISA - delimitando as primeiras pegadas

O pesquisador qualitativo pauta seus estudos na interpretação do mundo real, preocupando-se com o caráter hermenêutico na tarefa de pesquisar sobre a experiência vivida dos seres humanos. (OLIVEIRA, 2008, p.7).

Uma pesquisa de abordagem qualitativa entende que a experiência humana é estudada com base no entendimento de que “[...] as pessoas interagem, interpretam e constroem sentidos”. (OLIVEIRA, 2008, p.3). Realizo um estudo documental, da qual realizo as análises das narrativas, ou seja, utilizando como ferramenta a análise de conteúdo, presente nos vídeos produzidos em Libras pelos acadêmicos do Curso de Letras-Libras. Faz-se interessante, neste momento, ressaltar alguns conceitos para então detalhar como transcorreu minha caminhada metodológica ao encontro do que seria meu objeto de estudo.

Como bem destaquei, essa pesquisa traz um enfoque qualitativo, através de análise documental que, por sua vez, “[...] corresponde a toda informação de forma oral, escrita ou visualizada”. (FACHIN, 2003, p.136). Os materiais são produções literárias surdas, que envolvem a língua de sinais, registradas em vídeos. Karnopp (2010, p. 161) utiliza a expressão “literatura surda” “[...] para as histórias que têm a língua de sinais, a identidade e cultura surda presentes na narrativa.”. Ao longo dessa escrita, esses vídeos, são considerados artefatos culturais¹², por abordarem ensinamentos culturais e identitários, ou seja, são vídeos construídos na cultura, que produzem significados e subjetividades.

Com base neste material empírico é realizada a análise de conteúdos, que segundo Bardin (2011) é definida como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2011, P.42).

A utilização dessa técnica descritiva possibilita o entendimento das causas que envolvem essas produções literárias e os efeitos que essas mensagens podem causar ao “leitor”. Essa análise de conteúdo cultural, como ressaltado por Wortmann (2011, p. 163) “[...] voltam-se a indicar como determinados artefatos, práticas e produções da cultura colocam em circulação discursos que atuam na fabricação de significações para sujeitos, processos e instituições contemporâneas”. Por isso, ao longo dessa escrita trato as produções literárias como análise das narrativas.

¹² Este termo é abordado pela autora Wortmann (2011).

Deste modo, uso contos, poemas, ou seja, produções literárias em Libras, que tem uma sequencialidade,

[...] como um tipo de discurso que se concretiza em textos nos quais se representa uma sucessão temporal de ações apresentadas como conectadas – de alguma forma – entre si, com determinados personagens ou protagonistas, em que haja uma transformação entre uma situação inicial e final e/ou intermediárias. (SILVEIRA, 2005, p. 198).

Além disso, as narrativas constituem representações, como uma maneira de demonstrar os modos de ser e viver as experiências. Essas produções culturais surdas são tratadas como narrativas, pois a intenção é o de:

[...] abordá-las como discurso que têm efeitos sobre as identidades, sobre aquilo que aprendemos com relação a quem somos ou devemos ser, organizando nossa história no tempo, dando conteúdo à nossa memória, estabelecendo nossa identidade nas encruzilhadas entre o passado, o presente e o futuro, e conferindo, assim, sentidos e valores à nossa existência. (RATTO, 2007, p.33).

A partir dessas questões elaborei meu caminho investigativo para chegar ao objeto de estudo e desenvolver as análises. Por isso, destaco a seguir, detalhadamente, meus passos para a aproximação e seleção das narrativas analisadas.

4.1 Os passos da pesquisa: trabalhando com o material empírico

Ao considerar que “[...] os documentos constituem uma rica fonte de dados [...]” (GODOY, 1995, p. 21), o trabalho analítico proposto será desenvolvido a partir de vídeos produzidos em 2010, no Curso de Letras-Libras, durante a disciplina de Literatura Surda. São artefatos de fontes secundárias, na qual os objetos de estudos são vídeos em Libras e as ferramentas de análise são as narrativas, presentes nesses materiais. Para a etapa analítica, a partir dos cento e oitenta e três (183) vídeos catalogados no banco de dados do Pró-cultura, foram selecionadas as narrativas sobre “ser surdo¹³” e educação bilíngue na contemporaneidade. Para tanto, inicialmente, aguicei meu olhar para as recorrências presentes nos títulos e, em seguida, detive minha atenção nas sinopses, dessas produções culturais. A partir disso, foram selecionados os materiais empíricos que foram assistidos e traduzidos da Libras para a língua portuguesa.

Para a seleção do material empírico elegi alguns critérios. Primeiramente, optei pelos vídeos que em seu título era evidente uma marca surda, seja pela própria palavra “surdo” ou por causa de alguma característica como “mãos”. Assim selecionei vinte e três (23) narrativas,

¹³ Tratado neste trabalho como um aspecto vivencial “[...] ser surdo como um conceito fluido onde a epistemologia esgota o conhecimento presente na essencialidade da comunidade surda e não mais o conceito da deficiência, da clinalização, da cura, da incapacidade [...]” (PERLIN; MIRANDA, 2003, p. 218).

que demonstravam em seu título alguma marca e, conseguinte, retornei ao banco de dados e me detive nas sinopses. Percebi que alguns destes vinte e três vídeos, selecionados anteriormente, só apresentavam a marca de pertencimento à comunidade surda no título, pois em seu conteúdo tinha apenas a tradução da narrativa do português para a Libras, alegando a importância de a criança surda ter acesso à literatura infantil traduzida para sua língua nativa¹⁴. Assim, com este novo critério foi possível ampliar a classificação inicial para vinte e oito (28) narrativas, sendo, então, que estas vinte e oito produções apresentam, em seu conteúdo, aspectos da cultura surda, mesmo não carregando em seu título um marcador cultural. Ao unir títulos convidativos e sinopses interessantes somaram-se trinta e quatro (34) vídeos, como mostra o quadro abaixo:

TÍTULO	SINOPSE
1. Menina bonita que fala com as mãos	A narrativa trata de uma menina que sinalizava muito bem e que conhece um macaco, o qual passa a história toda tentando sinalizar tão bem como a garota.
2. <u>Coçô</u> de surdo e de ouvinte	A piada é sobre um surdo e um ouvinte, que resolvem comparar suas culturas através do formato de seus “coçôs”.
3. Proibido implante coclear	História que critica o uso do implante coclear.
4. O balé das mãos	Trata do surgimento da Língua de Sinais.
5. <u>Encontra</u> em cidade puro o surdos	História de um único surdo que é excluído de uma sociedade de ouvintes e acaba encontrando uma cidade só de surdos.
6. Lua, a lobinha <u>surda</u>	Fábula sobre uma lobinha que, por ser surda, é desvalorizada pelo líder do grupo, porém, aos poucos, ela começa a mostrar seu valor.
7. Mão falante	Poema que aborda a importância da língua de sinais para os surdos e o sentimento de liberdade.
8. Menino surdo	Relato das discussões familiares sobre implante coclear, deficiência auditiva e cultura surda.
9. O leão e o ratinho	Fábula sobre um leão e um rato que trocam favores, sendo que um necessita do outro.
10. Bilinguismo junto com Libras	Poema que retrata a importância da união, respeito e comunicação entre ouvintes e surdos, principalmente através do bilinguismo.
11. <i>Sem título</i>	Poema que retrata a importância da <u>LIBRAS</u> na comunicação dos surdos.
12. O leão e a rata surdos	É uma história dividida em duas partes: o rato ajuda o leão a tirar um graveto de sua pata e, depois, ensina-lhe a língua de sinais.

¹⁴ Com base em Skliar (2010, p. 27) “[...] Língua natural, aqui, deve ser entendida como uma língua que foi criada e é utilizada por uma comunidade específica de usuários, que se transmite de geração em geração, e que muda tanto estrutural como funcionalmente com o passar do tempo”.

13. Navio pirata surdo	Poema que tem como tema a viagem de um pirata em seu navio até encontrar a ilha do tesouro.
14. Mãos que falam	O poema aborda a importância das mãos para a comunicação, expressão de sentimentos e encontro com o outro.
15. Três porquinhos surdos	Conto em que os três porquinhos constroem suas casas e são surpreendidos pelo lobo que pergunta em/sobre a língua de sinais.
16. Peter Pan	Peter Pan leva para sua terra uma surda oralizada como forma de possibilitá-la a experimentação da cultura surda, porém vivem uma aventura devido aos empecilhos históricos pela imposição da oralização.
17. Mente escura	Um surdo recupera sua alegria de viver após encontrar outro surdo, que também usa a língua de sinais.
18. Mãos inquietas	A história fala do silenciamento das mãos em prol da oralização.
19. A Fase do desenvolvimento do surdo e ouvinte	Poema que mostra a forma de vida de um surdo e de um ouvinte, provando que podem ter vivências iguais, apesar da diferença.
20. O modelo do professor surdo	Poema que traz a importância do professor surdo para crianças surdas.
21. A formiguinha surda e a pomba	História de uma formiga que cai na água, mas não se afoga por ter a ajuda da pomba, que recebe a retribuição da formiga de forma muito semelhante.
22. A cigarra e as formigas surdas	História clássica de uma cigarra que passa o período de tempo bom cantando, enquanto as formigas trabalham. No inverno, a cigarra fica com frio e fome.
23. Girafa e o macaco surdo	História de um macaco que ajuda uma girafa a fugir do cativeiro, mas acaba traindo sua amizade, quando ambas passam fome. A girafa ensina-lhe a ser melhor quando pratica o bem, mesmo depois de ter sido traída.
24. Turma da Mônica Surda	História na qual Mônica fica braba ao ver Cebolinha e Cascão zombando dela, por viver segurando o seu coelho.
25. Mãos	Poema que demonstra que as mãos podem fazer muitas coisas, mas principalmente falar.
26. Mãos que falam	Poema que valoriza a língua de sinais, possibilitando amar a vida, ter paz, conhecer o mundo...
27. Você precisa ser surdo para entender	Poema que aborda situações do dia a dia e que só surdos podem entender.
28. A tartaruga e a lebre	A fábula aborda a disputa de corrida entre uma lebre e uma tartaruga. Ao final, é feita uma analogia entre um surdo fluente em Libras (lebre) e outro que sabe pouco (tartaruga), mas que se esforça, participa da comunidade surda e, assim, torna-se ainda mais fluente que o primeiro.
29. A bruxa Treina Mágicas	História de uma bruxa que estuda em um livro de magia e treina várias mágicas, fazendo aparecer várias coisas, inclusive uma menina surda com a qual ela não sabe se comunicar.
30. Aranha	Todos debochavam de uma aranha, por acharem que ela não iria conseguir subir até o último andar do prédio; comparação com o surdo que, muitas vezes, é visto como incapaz de subir na vida e conseguir as coisas, mas que, no fim, mostra-se tão capaz quanto um ouvinte.
31. A raposa e as uvas	Fábula conta a história de uma raposa que, faminta, encontra uma parreira de uvas cheia de frutos maduros, mas que estão altos demais para serem alcançados; analogia aos surdos, que também conseguem subir na vida, pois são capazes tanto quanto os ouvintes.
32. Corrida dos três sapos	São contadas três histórias diferentes, em relação à corrida dos três sapos, mas todas apresentam um surdo vencedor.
33. O papagaio e o macaco	Fábula de dois animais que não conseguem se comunicar, pois um oraliza e outro sinaliza.
34. Alice no País das Maravilhas	Alice é surda e, junto ao coelho, viajam por um país de maravilhas em que vivenciam a cultura surda.

Quadro1: Os títulos que estão em vermelho são os que chamaram a atenção por trazerem em seu título uma marca surda, no entanto, já seu conteúdo não trazia aspectos inovadores.

A partir desta seleção, ao considerar o vasto e riquíssimo material, foram estabelecidas unidades analíticas para um novo recorte, possibilitando assim a análise dos vídeos e, ao mesmo tempo, atendendo a questão da pesquisa. Desta forma, surgiram duas unidades analíticas: “diferença” e “educação”, que, para tanto, foram selecionadas um total de nove (9) vídeos, das quais suas narrativas se tornaram objetos de estudo e de representatividade de alguns ensinamentos e abordagens presentes e subjetivadas nelas.

Essas narrativas estão dispostas no quadro a seguir, instrumento que contempla as seguintes informações: título, gênero, tempo, marcadores surdos presentes, clímax (conflito e desfecho), sinopse e o tema principal.

Título	Gênero	Tempo	Marcadores surdos	Clímax	sinopse	Tema principal
ENCONTRA EM CIDADE PURO O SURDOS	conto	13:58	Diferente; o que não fala; Olhar “ <i>não escuto, só vejo</i> ” Vida em comunidade. Exaltação da comunidade surda p. 125	Conflito: surdo entra escondido no barco e o capitão o joga no mar Desfecho: encontro com outros surdos – presença da cultura surda - convivência na “ <i>sociedade dos surdos</i> ”	História de um surdo que é excluído de uma sociedade ouvinte e acaba encontrando uma cidade só de surdos.	Importância do contato entre surdos da convivência em comunidade surda.
*MENINO SURDO	poema	07:05	Comunicação pelas mãos- Libras, como uma língua visual-gestual; lutas contra práticas corretivas;	Conflito: escolha de métodos clínicos para que crianças surdas possam ouvir – aparelho auditivo e implante coclear. Desfecho: escolha da comunicação pelas mãos – aceitação ao uso da Libras.	Relato das discussões familiares sobre implante coclear, deficiência auditiva e cultura surda.	Crítica às práticas ouvintistas – principalmente ao implante coclear. Importância da Libras.
BILINGUISMO JUNTO COM LIBRAS	poema	02:26	Língua de sinais	Conflito: Há alguns anos atrás o surdo sofria Desfecho: comunicação bilíngue para unir surdos e ouvintes, sem preconceito, sem oprimir/dominar.	Poema que retrata a importância da união, respeito e comunicação entre ouvintes e surdos, principalmente através do bilinguismo.	Importância de reconhecer a Libras e do bilinguismo para o ensino dos surdos e comunicação com os ouvintes.
*O PAPAGAIO E O MACACO	fábula	02:33	Língua de sinais	Conflito: comunicação entre surdo (macaco) e ouvinte (papagaio). Desfecho: cada um vai para um lado sem tentar uma comunicação.	Fábula de dois animais que não conseguem se comunicar, pois um <u>oraliza/fala</u> e outro sinaliza.	Falta de interesse de ambos os lados (surdos e ouvintes) para uma comunicação que respeite as diferenças.
*LUA, A LOBINHA SURDA	fábula	13:58	Contato visual: comunicação; ser surdo “ <i>temos em nossa alcateia uma loba que escuta com os olhos e uiva com as patas</i> ”; Encontro surdo-surdo: desenvolvimento da língua – escola bilíngue.	Conflito: líder não aceita lobo surdo, a excluindo do restante do grupo. Desfecho: salva o líder e a surdez (percepção visual) passa a ser vista como vantagem.	Fábula sobre uma lobinha que, por ser surda, é desvalorizada pelo líder do grupo, porém, aos poucos, ela começa a mostrar sua capacidade e valor.	Afirmação da identidade surda. Possibilidade de ensino e aprendizagem bilíngue, em que há uma inversão, porque os ouvintes tiveram que aprender a língua de sinais.

Título	Gênero	Tempo	Marcadores surdos	Clímax	sinopse	Tema principal
PETER PAN	Conto	14:31	Experiência visual; Língua de sinais; contato com outros surdos – reconhecer-se como surdo que tem uma língua e cultura própria.	Conflito: trauma do capitão gancho com surdos <u>oralizados</u> . Fica furioso ao saber que há uma surda <u>oralizada</u> nas suas terras. Desfecho: a menina ganha um livro de Libras com DVD para aprender mais a língua de sinais e assumir sua identidade surda.	Peter Pan <u>leva</u> para sua terra uma surda <u>oralizada</u> como forma de possibilitá-la a experimentação da cultura surda. Porém, <u>vivem</u> uma aventura devido aos empecilhos históricos pela imposição da <u>oralização</u> .	Passagem da visão clínica como alguém que precisa ser corrigido – falar – para o de se reconhecer como surdo usuário da Libras. Afirmação da identidade e diferença surda.
VOCÊ PRECISA SER SURDO PARA ENTENDER	poema	03:35	Não escutar; se comunica pelas mãos; língua e reconhecimento da identidade “ <i>eu sou surdo preciso da ajuda dos ouvintes, me ajuda, me ajuda...</i> ”.	Conflito: não conseguir entender o que está sendo ensinado na sala de aula com ouvintes. Desfecho: perceber que com a língua de sinais é possível receber as informações.	Poema que aborda situações do dia a dia em uma sala de aula de ouvintes e que só surdos podem entender.	Mostrar a necessidade da aceitação da língua de sinais como meio de comunicação dos surdos, fazendo uso da mesma numa promoção do ensino bilíngue.
MODELO PROFESSOR SURDO	poema	02:29	Contato entre os surdos; Língua	Conflito: entrar numa sala de surdos e os vê-los fazendo gesto. Desfecho: professor surdo ensina em Libras formando, muitas vezes, outros professores surdos.	Poema que traz a importância do professor surdo para crianças surdas.	Importância de um professor surdo em sala de aula com alunos surdos – referência.
A FASE DO DESENVOLVIMENTO DO SURDO E OUVINTE	poema	09:04	Língua; experiência visual e marca/característica surda: conversa por webcam; celular vibra e resposta por <u>sms</u> .	Conflito: não há. Desfecho: perceber que o desenvolvimento entre surdos e ouvintes é igual, tendo como diferença a questão linguística e cultural – visual e sonora, respectivamente.	Poema que mostra a forma de vida de um surdo e de um ouvinte, provando que se desenvolvem igualmente, apesar da diferença.	Relação e comparação entre a cultura surda e cultura ouvinte.

Quadro 2: produções selecionadas para análise das narrativas.

Os conteúdos dos vídeos estão ligados às experiências históricas da educação dos surdos, bem como as reivindicações e resistências às imposições da contemporaneidade, ou seja, há a utilização da narrativa “[...] como testemunho da experiência vivida e essa narrativa da experiência como legitimadora de uma determinada identidade [...]” (SILVEIRA, 2005, p. 206). Com isso, é pertinente considerar que essas produções literárias estão carregadas de marcas culturais, devido às diferentes experiências vivenciadas pelos integrantes que as produziram, sendo interessante, então, ressaltar que há diferentes representações presentes nestes artefatos que subjetivam os modos de “ser surdo”. Assim, pretendo desdobrar de forma descritiva e analítica os modos de “ser surdo” delineados nas narrativas destacadas, ponderando que o bloco analítico foi escolhido a partir das recorrências observadas nestes materiais, já salientadas anteriormente.

No próximo capítulo faço uma abordagem geral dessas produções culturais selecionadas, trazendo analiticamente alguns aspectos que perpassam os nove vídeos e a seguir retomo este quadro, separando-os nos eixos analíticos, para dar maior ênfase a cada uma delas, promovendo relações entre as narrativas, por causa das evidências que se assemelham e se complementam.

5 NARRATIVAS SURDAS - capturando modos de “ser surdo”

Antes de aprofundar as análises das narrativas selecionadas, julgo interessante destacar algumas características recorrentes nos dez vídeos em questão. A intenção é ressaltar as marcas surdas presentes de forma geral neste material. Guiada pelos objetivos de: (a) identificar o que se narra sobre a surdez nestes materiais; (b) analisar, nas narrativas, modos de “ser surdo”; (c) Relacionar essas recorrências, buscando compreender evidências para a construção da educação bilíngue. Desta forma intenciono, a partir das narrativas surdas produzidas nos vídeos, compreender as relações entre os modos de “ser surdo” e as evidências de uma proposta de educação bilíngue. Para atingir as metas enfatizadas pretendo responder ao seguinte questionamento: Como estão narrados os modos de ser surdo nas produções culturais surdas e como podem contribuir para a construção da educação bilíngue para surdos?

Creio ser interessante mais uma vez enfatizar que tenho consciência que esses vídeos mostram pontos de vistas e autorrepresentações dos acadêmicos, que as produziram, influenciados pelos discursos que os cercam neste espaço educacional, chamado “Letras-Libras”. Como bem ressalta Mourão (2011):

Subjetividades são fabricadas nesse círculo de práticas sociais ou práticas discursivas, isso é, formas de representação surda, através de uma bandeira “Literatura Surda”, em cidades ou estados, pois cada região, sempre conta e reconta as suas narrativas em várias formas literárias. (MOURÃO, 2011, p.116).

Assim, acredito que suas narrativas, ao menos a maioria delas, “[...] são feitas em meio às relações com os regimes de verdade que socialmente condicionam nossas maneiras de ver e definir a realidade, direcionando e constituindo nossa leitura e ação no mundo”. (RATTO, 2007, p. 32). Além do mais, o meu olhar sobre esses materiais também são com óticas a partir das concepções e experiências que tive nesta área da educação e cultura surda.

As narrativas analisadas apresentam reflexões acerca do “ser surdo”, termo definido como uma “questão de vida”, que não significa ter uma deficiência, mas sim uma experiência visual. Experiência que promove a comunicação por meio da visão e cria assim a cultura surda. (PERLIN, MIRANDA, 2003). Há histórias que envolvem comparações entre surdos e ouvintes, das quais é percebido que: “A distinção entre surdos e ouvintes envolve mais que uma questão de audiologia, é uma questão de significado: os conflitos e diferenças que surgem referem-se a *forma de ser*.” (SÁ, 2002, p. 49).

Então, pondero, novamente, que esses vídeos foram produzidos no ano de 2010, o que torna interessante delinear o crescimento das produções culturais surdas a partir da década de 90, devido ao fortalecimento dos movimentos surdos para discussões nesta área e das lutas

pelo que defendem, conforme publicações de pesquisadores surdos e ouvintes a respeito da língua, cultura, política, identidade e educação dos surdos. (SKLIAR, 1999; KARNOPP, 2005; STROBEL, 2008; THOMA; KLEIN, 2010; PERLIN, 2010; GIORDANI, 2010).

Ao assistir e selecionar essas narrativas contadas em Libras, do banco de dados do Pró-cultura, foi possível destacar, inicialmente, que as variações linguísticas presentes nas produções reafirmam a singularidade e as diferenças dialetais existentes em cada estado deste país e isso demonstra que a Libras “[...] Como qualquer outra língua, está sujeita às variações regionais, adequando-se aos aspectos históricos, sociais e culturais das diferentes comunidades em que é utilizada”. (KARNOPP; KLEIN; LUNARDI-LAZZARIN, 2011, p. 21). Sendo assim os vídeos por si só já apresentam a complexidade que envolve esta língua bem como as demais existentes no mundo, reafirmando sua legitimidade linguística. Além disso, é notável que a maioria dos acadêmicos do curso de Letras-Libras, usou a literatura surda como uma maneira de apontar suas críticas e salientar os modos de ser surdo pelo olhar cultural e da diferença, demonstrando que “[...] A palavra, os signos, antes de representarem, instituem, criam o mundo, definindo-o de certas maneiras e não de outras. [...]” (RATTO, 2007, p. 31).

Nesta perspectiva, as narrativas em estudo são contos, fábulas e poemas imersos no contexto da surdez como diferença. Elas demonstram o pertencimento às comunidades surdas, que, insistentemente, lutam pela valorização dos seus aspectos linguísticos e culturais. Lutam por questões em comum, tendo recorrências políticas, culturais e educacionais nas produções literárias, que estão extremamente relacionadas com o contexto histórico que perpassa a contemporaneidade, comprovando a potencialidade do discurso surdo.

Quando enfatizo a potencialidade do discurso surdo nessas produções literárias surdas, visivelmente notadas pela autorrepresentação, tenciono minha argumentação para a questão de que essas produções “[...] para que tenham sentidos e significados, precisam ser expressas pelas práticas culturais de significação, pela linguagem, pelos discursos, por aquilo que afirma o que são ou deixam de ser, em que condições, com quais características”. (RATTO, 2007, p.31). Desta maneira, é importante salientar que em todos os vídeos há o uso da sinalização em primeiro plano, que possibilita a visualização clara e performances em Libras, através do uso de expressões faciais e corporais, movimentos de mão e locações com efeitos estéticos e expressivos que se articulam às possibilidades artístico-literárias de uso da língua de sinais. Importa ainda enfatizar que a sinalização em Libras é, frequentemente, acompanhada de encenações, durante a contação, bem como há a utilização de ilustrações, que corroboram a importância da experiência visual surda. O uso desses recursos visuais favorecem o acesso e a

construção de sentidos a partir dessas produções. Assim, nota-se a regularidade na utilização de ilustrações (principalmente imagens de livros) e encenações, que qualificam a compreensão do (con)texto e sequência da obra.

Como meu foco neste estudo está em quais os modos de “ser surdo” narrados neste material é interessante destacar, já que são inúmeros os “ensinamentos” presentes em cada produção literária, sendo que essas narrativas, artefatos culturais surdos, me remetem às lutas contemporâneas referentes à educação bilíngue para surdos. Desta forma, sigo para os subcapítulos analíticos, trazendo, primeiramente, descrições dos vídeos e dos aspectos culturais e identitários, constituintes dos modos de “ser surdo”. No segundo subcapítulo, retomo essas marcas surdas e relaciono com as demais narrativas selecionadas, destacando as contribuições dessas produções literárias para a educação bilíngue.

5.1 Narrativas surdas: uma diferença linguística e cultural

[...] Cada diferença é uma experiência de ser e estar no mundo para mim intraduzível. (SKLIAR, 2003, p.5).

Ao debruçar-me sobre as produções culturais surdas tive dificuldades na seleção das que melhor evidenciariam o que desejava apresentar nesta sessão, pois as narrativas surdas, de forma geral, marcam a questão da diferença “[...] como uma construção histórica e social, efeito de conflitos sociais, ancorada em práticas de significação e de representações compartilhadas entre os surdos.” (SKLIAR, 2010, p. 13). Essa marca está, principalmente, no uso da Libras, a língua própria dos surdos.

Para compor esta sessão retomo o quadro 2, das produções selecionadas, porém destacando apenas as que estão em estudo nesta parte analítica. As demais produções estão na sessão posterior, por apresentarem, com mais relevância, a questão da educação, que demonstram relação com as evidências analíticas aqui lançadas.

Título	Gênero	Tempo	Marcadores surdos	Climax	Sinopse	Tema principal
<i>ENCONTRA EM CIDADE PURO O SURDOS (1)</i>	Conto	13:58	Diferente; o que não fala; Olhar; Vida em comunidade.	Conflito: surdo entra escondido no barco e o capitão o joga no mar Desfecho: encontro com outros surdos – presença da língua e cultura surda: convivência na “ <i>sociedade dos surdos</i> ”	História de um surdo que é excluído de uma sociedade ouvinte e acaba encontrando uma cidade só de surdos.	Importância do contato entre surdos da convivência em comunidade surda.

Titulo	Gênero	Tempo	Marcadores surdos	Clímax	Sinopse	Tema principal
<i>*MENINO SURDO (2)</i>	Poema	07:05	Comunicação pelas mãos- Libras, como uma língua visual-gestual; lutas contra práticas corretivas;	Conflito: escolha de métodos clínicos para que crianças surdas possam ouvir – aparelho auditivo e implante coclear. Desfecho: escolha da comunicação pelas mãos – aceitação ao uso da Libras.	Relato das discussões familiares sobre implante coclear, deficiência auditiva e cultura surda.	Crítica as práticas ouvintistas – principalmente ao implante coclear. Importância da Libras
<i>*O PAPAGAIO E O MACACO (3)</i>	Fábula	02:33	Língua de sinais	Conflito: comunicação entre surdo (macaco) e ouvinte (papagaio). Desfecho: cada um vai para um lado sem tentar uma comunicação.	Fábula de dois animais que não conseguem se comunicar, pois um oraliza/fala e outro sinaliza.	Falta de interesse de ambos os lados (surdos e ouvintes) para uma comunicação que respeite as diferenças.
<i>PETER PAN (4)</i>	Conto	14:31	Experiência visual; Língua de sinais; contato com outros surdos – reconhecer-se como surdo que tem uma língua e cultura própria.	Conflito: trauma do capitão gancho com surdos oralizados. Fica furioso ao saber que há uma surda oralizada nas suas terras. Desfecho: a menina ganha um livro de Libras com DVD para aprender mais a língua de sinais e assumir sua identidade surda.	Peter Pan leva para sua terra uma surda oralizada como forma de possibilitá-la a experimentação da cultura surda. Porém, vivem uma aventura devido aos empecilhos históricos pela imposição da oralização.	Afirmação da identidade e diferença surda.

Titulo	Gênero	Tempo	Marcadores surdos	Clímax	Sinopse	Tema principal
<i>A FASE DO DESENVOLVIMENTO DO SURDO E OUVINTE (5)</i>	Poema	09:04	Língua; experiência visual e marca/características surdas: conversa por webcam; encontros sinalizados.	Conflito: não há. Desfecho: perceber que o desenvolvimento entre surdos e ouvintes é igual, tendo como diferença a questão linguística e cultural – visual e sonora, respectivamente.	Poema que mostra a forma de vida de um surdo e de um ouvinte, provando que se desenvolvem igualmente, apesar da diferença.	Relação e comparação entre a cultura surda e cultura ouvinte.

Quadro 3: Narrativas que apresentam recorrências em relação a diferença.

Ao observar cada item presente neste quadro, e sua importância neste trabalho, é interessante destacar que os desfechos das narrativas é a questão linguística que é uma marca cultural. A causa que percebo é pela língua de sinais ser uma língua gestual-visual, que representa a experiência visual e é o principal marcador identitário dessa cultura. (KARNOPP; KLEIN; LUNARDI-LAZZARIN, 2011).

Como os vídeos, que contém as narrativas surdas, estão sendo tratados como artefato cultural é possível observar “[...] a reivindicação da diferença surda através de práticas discursivas que ensinam um modo surdo de ser, regulando condutas por meio do circuito cultural”. (BORTOLETTI; MÜLLER, 2013, p.8). Esta afirmação me faz recordar de inúmeras narrativas presentes e ausentes nos quadros apresentados anteriormente, mas saliento primeiramente o conto “Peter Pan”, número quatro (4) do quadro em destaque. Este conto aborda a questão dos surdos usuários da Libras, representado por Peter Pan, Cininho e Capitão Gancho, e dos surdos oralizados, representado pela menina oralizada. Os surdos oralizados são narrados como o grupo que proíbe a língua de sinais, remetendo à história da educação dos surdos, em que, com o Congresso de Milão (1880) é determinado que todos devem oralizar, pela “[...] pureza “natural” da palavra falada [...]” (LULKIN, 2010, p. 37). A história apresenta que o Capitão Gancho, personagem surdo que usa a língua de sinais, chegou a conviver com os surdos oralizados e por este motivo adquiriu um trauma, passando a não admitir surdos assim em suas terras. Este trauma é detalhado por Cininho no seguinte trecho do vídeo:

“Há um tempo atrás, o capitão Gancho viveu com um grupo oralizado, onde era proibido sinalizar. Ele alegou não saber falar e o grupo dizia que ele não podia usar sinais. O capitão Gancho desprezou o aviso do grupo e continuou sinalizando. Então, este grupo se uniu e amputou uma de suas mãos.”
 – *trecho do vídeo 4. [tradução minha]*

Se for considerar que a literatura é “[...] como pílula edulcorada para formar, informar, ensinar e conformar [...]” (SILVEIRA; BONIN; RIPOLL, 2010) devo enfatizar que este trecho mostra representações sobre a oralização, a revolta representada pelo capitão Gancho quanto à imposição da língua oral. Há um repúdio em volta dessa prática fortemente marcada pelo Congresso de Milão e que ainda hoje é usada, sendo enfatizada nas narrativas como resistência para a não regressão do que já foi conquistado.

Outro ponto deste conto que merece realce é a importância da experimentação do “mundo sinalizado”, porque, antes de conhecer Peter Pan, a menina – surda oralizada – vivia com pessoas ouvintes, mas ao conhecer outros surdos, a língua de sinais e a cultura surda, essa menina assumiu a identidade surda. Como destaca Perlin (2010, p.52) “A identidade é algo em questão, em construção, uma construção móvel que pode frequentemente ser transformada ou estar em movimento, e que empurra o sujeito em diferentes posições” e foi essa transformação que ocorreu com a menina. Como se a interação com outros surdos tivesse “aberto uma passagem” da visão clínica, como alguém que precisava ser corrigida – falar – para o do reconhecimento de se autoafirmar como surda, usuária da Libras, pois conforme é salientado pelo narrador dessa história:

“Peter Pan dá de presente uma flor e um livro de Libras com DVD para a menina surda aprender mais a se comunicar em língua de sinais, expandindo sua mente e para ter liberdade na sua vida, com sua identidade. A menina ao acordar: “obrigada Peter Pan adquiri para mim a Língua de sinais, minha identidade.” – *trecho do vídeo 4. [tradução minha]*

Essa importância da convivência com grupos surdos para constituição da identidade surda é reforçada no conto “Encontra em cidade puro o surdos” (vídeo 1). É uma história em torno de um surdo que vivia sozinho e triste numa cidade de ouvintes até que resolve entrar em um navio e acaba encontrando uma cidade só de surdos. Este conto apresenta uma analogia com a comunidade surda além de demarcar o ano de 1700, momento em que estava ocorrendo um movimento oralista alemão, nas quais Johann Conrad Amman, que era contra a língua de sinais, a utilizava para ensinar os surdos a falar. (ROCHA, 2013). Neste enredo, o mesmo surdo é narrado de duas formas: primeiro como sujeito excluído da sociedade, que sofre por não conseguir se comunicar com os ouvintes, como apresentado neste trecho:

“Em 1700 um surdo com idade entre 65 e 66 anos vivia sozinho em uma sociedade que, no geral, a maioria era ouvinte. Este surdo era pobre, não tinha os pais e por ser surdo sofria muito.” – *trecho do vídeo 1. [tradução minha]*

Assim pode-se destacar que:

Na relação com o ouvinte, o surdo foi ensinado a olhar-se e a narrar-se como um deficiente auditivo. A marca da deficiência determinou, durante a história dos surdos e da surdez, a condição de submissão ao *normal* ouvinte. (LOPES; VEIGA-NETO, 2010, p. 120).

Acredito que nesta parte inicial este conto retrata essa marca da submissão, o surdo narrado pelos discursos da deficiência, como alguém indesejado pela falta da audição, pois no trecho que sucede a que está em destaque, este surdo entra em um restaurante e pede um pão e uma pessoa ouvinte diz:

“Não, sai! Você não fala, sai!” – *trecho do vídeo 1. [tradução minha]*

Como se essa condição do não ouvir fosse algo contagioso para os que ouvem. A crítica trazida fica ainda mais evidente quando este surdo, ao subir em um navio, é jogado em alto mar por ter entrado escondido, sendo interessante ressaltar que antes de ser jogado ao mar ele enfatiza um dos marcadores culturais surdo, “o olhar”, pois diz ao comandante do navio:

“eu não escuto nada, só vejo.” – *trecho do vídeo 1. [tradução minha]*

Ao enfatizar isso, percebo que este personagem demarca seu espaço social, como um sujeito visual, que “ouve com os olhos” e como destacado por Lopes e Veiga-Neto (2010, p.126): “[...] o olhar, para o surdo, muito mais do que um sentido, é uma possibilidade de *ser outra coisa* e de ocupar outra posição na rede social. [...] Enfim, o olhar como marca é o que permite a construção de uma alteridade surda.” Assim sendo, percebi que antes de ser atirado do navio ele afirma aos ouvintes, ali presentes, sua condição como pessoa culturalmente diferente, deixando de lado, ao menos neste momento, a visão submissa a uma “norma ouvinte”.

Deste modo, ao ser jogado em alto mar visualiza terra e ao chegar neste lugar percebe que é uma cidade apenas de surdos, sendo narrado a partir deste momento como um sujeito pertencente a uma comunidade que tem uma língua e cultura diferente. Sujeito usuário da Libras, que em seu grupo e em contato com o outro semelhante a ele, passa a viver em harmonia, desfrutando da sua cultura. Isso é evidente neste trecho do conto, logo que chega a terra firme e encontra uma pessoa surda, com quem mantém um diálogo:

“Pessoa surda: - Nós dois somos iguais, vem conhecer o lugar. Quanto aos ouvintes o problema é deles. Não conhecem nada da forma como pensamos e do nosso jeito surdo de ser. Vem junto comigo e pode ficar calmo que te ajudo.

Surdo diz: -Aceito, aceito.

Narrador: Perto dali tinha uma cidade. O surdo fica encantado olhando tudo a sua volta e pergunta para a pessoa surda: - Todos aqui são surdos?

Pessoa surda: - Sim. As famílias são todas com surdos puros. O cachorro também é surdo, tem que sacudir as mãos para que ele lhe atenda, chamando sua atenção visual.

Surdo: Eu nunca tinha visto, que estranho.

Narrador: E o surdo se sente muito feliz ao perceber que, realmente, o cachorro era surdo.” – *trecho do vídeo*

1. [tradução minha]

Com isso, essa história mostrar outro marcador surdo que são as comunidades surdas, pois “o encontro surdo-surdo é essencial para a construção da identidade surda, é como um baú que guarda os adornos que faltam ao personagem” (PERLIN, 2010, p. 54). Essa importância dos encontros é ressaltada por Karnopp (2010, p. 164) quando salienta que “[...] os surdos se organizam em comunidades, buscando o fortalecimento da língua de sinais, da identidade e da cultura surda.” Ao final dessa história é enfatizada a questão da alegria sentida por este surdo ao estar imerso em um espaço que lhe possibilita se comunicar, que contém uma cultura constituída pela experiência visual, mostrando que a cidade nada mais é do que a comunidade dos surdos, um espaço de resistência, que reforça os modos de ser surdo e conforme Lopes (2010, p. 113): “[...] Embora existam muitas barreiras sociais, políticas e culturais que dificultam a organização cultural dos surdos, estes conseguem resistir às imposições através da sua organização no grupo”.

Ao seguir esta linha de representação e afirmação da identidade, língua, cultura e importância do convívio em grupos surdos, percebi no poema “Menino surdo” (vídeo 2) os movimentos de resistência ao método oralista. Nessa narrativa, percebe-se um jogo com as letras e as cores, indicando três caminhos que o menino pode seguir: a porta D é relacionada ao deficiente auditivo, com o uso do aparelho auditivo; a porta I apresenta um bebê com o implante coclear; enquanto a porta S, com sua cor azul, representa o orgulho surdo, a porta da língua de sinais. É notável a ênfase dada a porta S, por ela ser a passagem para o mundo que se comunica pelas mãos. Assim, é transmitido ao “leitor¹⁵” que o menino deve constituir-se

¹⁵ Leitor está entre aspas, por ter sido o termo que escolhi para me referir ao público que assistiria a estas narrativas.

como surdo, usuário da Libras e pertencente a uma cultura visual, assumindo sua identidade surda e dando valor à língua de sinais.

De acordo com Silveira¹⁶ (2000, p. 177), quando o surdo é visto com as lentes da perspectiva clínica “[...] definindo-se o surdo como um “deficiente”, o caminho para sua humanização, reabilitação, normalização, enfim, passa pela maximização de seus restos auditivos, pelo treino da leitura labial e pela sua oralização”. Perspectiva presente nas duas primeiras portas, que enfatizam “recursos” dessas “práticas corretivas”, criticadas pelos surdos. Este poema traz comentários ao final que julgo serem instrucionais e de indicativo para a escolha da última porta, pois fazem o leitor refletir sobre certas escolhas, das quais destaco a fala de uma das produtoras desta narrativa:

“A criança tem o direito de escolher seu futuro. Porque se recebe o implante, no futuro, pode culpar os pais”. – **trecho do vídeo 2. [tradução minha]**

Seu comentário salienta o implante coclear¹⁷ que é a principal polêmica que envolve os surdos na contemporaneidade, porque eles defendem que “[...] a surdez é uma diferença, constituída pelo uso de uma outra modalidade de comunicação e por uma cultura visual, que poderá ser extinta pelos implantes cocleares” (THOMA, 2005, p.65). Deste modo, esta forma de “corrigir a audição dos surdos”, traz à tona a dominação ouvintista, que segue na tentativa de silenciar suas identidades e apagar sua cultura. (THOMA, 2005). Por isso, o poema se mantém posicionando uma possibilidade de escolha, defendida pelo grupo nos comentários, por ser visível que “[...] o surdo tem posicionamento, língua, cultura”. (BORTOLETTI; MÜLLER, 2013, p. 9).

Frente a essas lutas e movimentos de resistência evidenciadas nas narrativas, considero a fábula “o papagaio e o macaco” (vídeo 3) que enfatiza a diferença linguística como uma barreira de comunicações, das quais não há uma tentativa de estratégias para que as mesmas sejam superadas. Nessa história é mostrado o olhar de estranhamento do papagaio falante perante o macaco surdo que lhe cumprimenta, tentando iniciar uma conversa. Somente por este olhar lançado, o macaco sentindo-se mal, sinaliza:

“Eu preciso sair, tchau!” – **trecho do vídeo 3. [tradução minha]**

¹⁶ Escrita da autora fundamentada em Skliar (1998).

¹⁷ O implante coclear, que também recebe o nome de ouvido biônico, é um dispositivo eletrônico implantado, através de cirurgia, acima da orelha dos surdos, na tentativa de fazê-los ouvir.

Por usarem línguas diferentes – língua oral e língua de sinais, respectivamente - ambos seguiram por caminhos opostos, das quais um dos produtores deste vídeo, ao final da fábula, comentou:

“Falta respeito de ambos os lados para conversar” – *trecho do vídeo 3. [tradução minha]*

Este comentário fez com que refletisse sobre essas questões trazidas através da visão clínica, de que o surdo tem que oralizar, tem que ouvir. Essa benevolência que envolve os sujeitos surdos e se estende aos demais grupos, devido às dificuldades impostas pela sociedade ao não assumir que há diferentes línguas e culturas presentes em nosso país e que esta bem como a língua portuguesa deve ser respeitada e mais do que isso, porque como ressaltado por Skliar (2003, p. 4): “[...] A questão, não é respeitar as diferenças, mas perceber as diferenças como possibilidade. Não há como se despir das diferenças próprias para começar a respeitar outras diferenças”. Com isso, esta narrativa, e, principalmente, o comentário incluso nela, conduz o “leitor” a pensar que há a necessidade de comunicação entre surdos e ouvintes, então essas possibilidades de contato e relação não devem ser negadas, por receio de apagamento de uma ou outra cultura, mas como uma maneira de fortalecer e propiciar o conhecimento do outro, modo de ser e viver diferentes, um banhado pela experiência sonora e outro pela experiência visual.

Essa reflexão também é possível por meio do poema “A fase do desenvolvimento do surdo e ouvinte” (vídeo 5), por apresentar uma comparação das vivências de um surdo e de um ouvinte, demonstrando que nas mesmas fases de crescimento – bebê – criança- adulto – tanto o surdo quando o ouvinte estão na mesma etapa de aprendizagem, devido às convivências e estímulos eficientes. Isso mostra que, por exemplo, se o ouvinte não estivesse em uma família que o estimulasse e acompanhasse seu desenvolvimento não teria conseguido alcançar as metas apresentadas no poema. Da mesma forma é apresentado com relação ao surdo: se desde pequeno não estivesse imerso em uma cultura visual que lhe possibilitasse uma comunicação pelas mãos, não teria chegado aonde chegou. Assim, fica evidente a intenção de realçar que não é por ser surdo que os acontecimentos serão diferentes, mas as escolhas de narrá-lo como um deficiente ou como um sujeito linguisticamente e culturalmente diferente é que farão a diferença. Isso remete ao capítulo posterior por evidenciar que “[...] toda educação para surdos deveria se afirmar num processo normal de aquisição da língua de sinais. Sem ela não há sujeito e não há diferença e, muito menos, haverá igualdade.” (SKLIAR, 2003, p.2).

Por outro lado, essa necessidade de referenciar o ouvinte para narrar-se e se autorrepresentar como um sujeito cultural sobre o olhar da diferença é enfatizado por Lopes e Veiga-Neto (2010, p. 123-124), que salientam o quanto este “[...] traço ouvinte presente nas narrativas surdas pode ser interpretado como um elemento estruturador de um tipo de identidade – um tipo de identidade combatente que necessita estar em luta para poder existir e ser reconhecida”. Esta narrativa evidencia uma marca cultural da diferença surda, que é de comparação cultural e identitária entre surdos e ouvintes, como mostra este trecho:

“No computador: o surdo conversa digitando ou por webcam e o ouvinte conversa digitando ao mesmo tempo escuta música. O celular do surdo vibra e ele responde por mensagem eletrônica enquanto o ouvinte atende a ligação. Os encontros entre surdos são sinalizados e os de ouvintes é falado” – *trecho do vídeo 5. [tradução minha]*

Ele mostra claramente a importância visual presente nas experiências surdas e a importância sonora nas experiências dos ouvintes, sendo dois elementos diferentes que transformam os modos de ser e viver os mesmos acontecimentos. Como bem destaca Skliar e Quadros (2000, p.43) os surdos são “pessoas que experienciam o mundo visualmente independente de sons”. Entretanto, no comentário referente ao poema um dos produtores ressalta a:

“Importância da convivência e troca social entre as línguas para aprender e se desenvolver”. – *trecho do vídeo 5. [tradução minha]*

Com este trecho, finalizo este subcapítulo com uma âncora para delinear o próximo, porque com este comentário, em destaque, há a possibilidade de relação dos aspectos culturais e linguísticos até então evidenciados com as experiências bilíngues que essa diferença lhes proporciona, sendo colocado um “apelo” para que não apenas o surdo tenha que aprender a Língua Portuguesa, em sua modalidade escrita, para se comunicar com as pessoas ouvintes, porém que o contrário também aconteça para que, efetivamente, ocorram trocas sociais e experimentação de outras línguas e culturas.

5.2 Narrativas surdas: contribuições culturais para uma perspectiva de educação bilíngue

É fundamental que se entenda que promover uma abordagem educacional bilíngue envolve considerar não somente a necessidade de duas línguas, mas, dar espaço privilegiado e prioritário à língua natural dos surdos, bem como considerar a identidade e a cultura surda como eixo fundamental. (SÁ, 2010, p. 183-184).

Dentre os caminhos que essas narrativas surdas me levaram, busco enfatizar, neste subcapítulo, alguns dos apontamentos presentes no material que possibilitam a construção de uma perspectiva de educação bilíngue que esse grupo pertencente à comunidade surda, sendo eles surdos e ouvintes, narra. Dessa maneira, segue o quadro com os vídeos que teceram essas análises, apesar de, ao longo desse estudo analítico, trazer novamente alguns trechos das narrativas analisadas anteriormente, dando continuidade às respostas a indagação que constituiu esta escrita.

Título	Gênero	Tempo	Marcadores surdos	Clímax	sinopse	Tema principal
BILINGUISMO JUNTO COM LIBRAS (6)	Poema	02:26	Língua de sinais	Conflito: Há alguns anos atrás o surdo sofria. Desfecho: comunicação bilíngue para unir surdos e ouvintes, sem preconceito, sem oprimir/dominar.	Poema que retrata a importância da união, respeito e comunicação entre ouvintes e surdos, principalmente através do bilinguismo.	Importância de reconhecer a Libras e do bilinguismo para o ensino dos surdos e comunicação com os ouvintes.
*LUA, A LOBINHA SURDA (7)	Fábula	13:58	Contato visual: comunicação; ser surdo; Encontro surdo-surdo: desenvolvim ento da língua – escola bilíngue.	Conflito: líder não aceita lobo surdo, a excluindo do restante do grupo. Desfecho: salva o líder e a surdez (percepção visual) passa a ser vista como vantagem.	Fábula sobre uma lobinha que, por ser surda, é desvalorizada pelo líder do grupo, porém, aos poucos, ela começa a mostrar sua capacidade e valor.	Afirmção da identidade surda. Possibilidade de ensino e aprendizagem bilíngue, em que há uma inversão, porque os ouvintes tiveram que aprender a língua de sinais.
VOCÊ PRECISA SER SURDO PARA ENTENDER (8)	Poema	03:35	Não escutar; se comunica pelas mãos; língua e reconhecimento da identidade.	Conflito: não conseguir entender o que está sendo ensinado na sala de aula com ouvintes. Desfecho: perceber que com a língua de sinais é possível receber as informações.	Poema que aborda situações do dia a dia em uma sala de aula de ouvintes e que só surdos podem entender.	Mostrar a necessidade da aceitação da língua de sinais como meu de comunicação dos surdos, fazendo uso da mesma numa promoção do ensino bilíngue.
MODELO PROFESSOR SURDO (9)	Poema	02:29	Contato entre os surdos; Língua	Conflito: entrar numa sala de surdos e os vê-los fazendo gesto. Desfecho: professor surdo ensina em Libras formando, muitas vezes, outros professores surdos.	Poema que traz a importância do professor surdo para crianças surdas.	importância de um professor surdo em sala de aula com alunos surdos – referência.
Quadro 4: Narrativas que apresentam recorrências em relação a educação.						

Como venho salientando ao longo deste trabalho, o material é composto por produções culturais surdas que demonstraram, nas análises, a abordagem, de forma literária, de questões referentes às experiências de “ser surdo” e suas lutas, resistências e movimentos para que sua língua, cultura e educação sejam reconhecidas, respeitadas e atendidas. São direitos reivindicados por sujeitos usuários de uma língua oficialmente reconhecida pela lei 10.436/2002. Atualmente lutam por uma educação bilíngue para surdos, das quais querem ir além da imersão da língua no espaço educacional, pois:

Estas pessoas consideram-se essencialmente visuais, com uma linguagem visual, uma organização social, uma história e com valores morais que lhes são próprios, ou seja, estas têm a sua própria maneira de ser e possuem uma linguagem e cultura próprias. (LANE, 1992, p. 21).

No documento “Carta Aberta ao Ministro da Educação” (2012) é demonstrado este apelo, em nome das comunidades surdas brasileiras em prol de uma educação de qualidade, reforçando a importância dos alunos surdos estarem em escolas bilíngues que a primeira língua seja a língua de sinais, não sendo apenas uma língua de instrução, mas a de convívio.

Para tanto, com base nessas narrativas e argumentações teóricas trazidas neste trabalho, é considerável afirmar que não é possível nomear uma escola de bilíngue quando há em uma sala de aula um único aluno surdo, usuário da língua de sinais, que sem os amparos previstos na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva¹⁸ (2008) é obrigado a oralizar, como mostra no poema “Você precisa ser surdo para entender” (vídeo 8). Esta narrativa apresenta um surdo numa sala de aula com ouvintes, onde é obrigado a compreender o que está sendo ensinado sem ter o auxílio seja da professora ou dos colegas, não tendo também o uso da língua de sinais neste ambiente, como destaque neste trecho do vídeo:

“*Eu sou surdo preciso da ajuda dos ouvintes, me ajuda, me ajuda...*”. – **trecho do vídeo 8.**
[tradução minha]

Este apelo não é atendido e sua tentativa de oralizar e tentar compreender, através da leitura labial, foram frustrantes, sendo apontada a exclusão diante das ideias contemporâneas da inclusão¹⁹. Isso me remete aos modelos educacionais de ensino para os surdos, das quais uma delas era o oralismo. Este, a partir de uma visão clínica, acreditava que a fala era “[...] a única forma desejável de comunicação para o sujeito surdo [...]”. (PERLIN; STROBEL, 2006,

¹⁸ Orientações para o ingresso dos surdos em escolas comuns na página 15 deste documento. (BRASIL, 2008).

¹⁹ Lopes (2007) ressalta que, atualmente, o lugar da inclusão e o lugar inventado para a exclusão são ocupados na mesma intensidade. Entretanto, para ocupar a posição adequada é necessário ter o outro como referência da dimensão oposta – posição inadequada.

p. 12). Para tanto, obrigavam esses sujeitos a fazer leitura labial, mais uma vez evidenciando as práticas corretivas.

Neste sentido,

[...] afirma-se que só o surdo consegue entender a dificuldade de estar em uma sala de aula comum, com professores e colegas ouvintes, em situações de não-comunicação, de estar sem acesso à informação, de receber castigo, de sentir-se sozinho e sem companhia, vítima das práticas de oralização ou da benevolência dos ouvintes. (BORTOLETTI; MÜLLER, 2013, p. 4).

Contudo, o sujeito surdo é narrado como possuidor de uma diferença linguística, enfatizando que esses métodos de oralização e práticas corretivas não possibilitam que compreenda o que está sendo dito, pois como aparece neste trecho:

“Como eu sou surdo e sozinho experimento falar, mas ninguém me ajuda e fazem conversas paralelas e eu não consigo entender [...] e é difícil acompanhar”. – *trecho do vídeo 8. [tradução minha]*

O surdo narrado traz à tona sua característica visual, na qual não consegue acompanhar a discussão em aula, se tiver várias pessoas falando ao mesmo tempo. Assim demonstra, ao final deste poema, o alívio que sente por existir a língua de sinais ressaltando que:

“como é bom perceber as informações e me sentir tranquilo, porque com a língua de sinais me sinto parte deste mundo, como se as mãos em movimento nos igualassem”. – *trecho do vídeo 8. [tradução minha]*

Deste modo, ressalto que os produtores deste poema tinham a intenção de mostrar que somente através da língua de sinais é que o surdo seria capaz de aprender e se desenvolver. Afirmam que a inserção desses sujeitos visuais em espaços educacionais que menosprezam e não utilizam a língua de sinais, tornam-se lugares de frustração e sofrimento. Conforme Lopes (2010):

Os surdos, quando não representados como sujeitos culturais, entram no rol dos desajustados, desintegrados da sociedade ouvinte, deficientes e incapazes de se desenvolverem sem o auxílio de grupos dominantes culturalmente. (LOPES, 2010, p. 112).

É possível notar a tentativa de mostrar o jeito surdo de ser e os aspectos que uma escola bilíngue deve ter para melhor atendê-los, sendo esta focada, por exemplo, na aceitação da língua de sinais, como meio de comunicação e convívio escolar dos surdos. Para confirmar essa posição, notada perante as narrativas em estudo, retomo o poema “Menino Surdo” (vídeo 2), em que o comentário de uma das produtoras do vídeo faz refletir sobre a escolha da escola:

“A Libras na escola tem valor. Ela é valorizada e se você for à escola lhe será explicado que é uma língua necessária. Os médicos já não pensam assim, o pensamento deles é clínico, outro pensamento.” – *trecho do vídeo 2. [tradução minha]*

Há, nesta narrativa, e nas demais analisadas neste trabalho, indícios que deslocam a surdez do campo discursivo da Educação Especial para a perspectiva da diferença. Na área da Educação Especial o surdo é narrado como pessoas com deficiência, na qual é considerado deficiente:

[...] aquela que tem impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental ou sensorial que, em interação com diversas barreiras, podem ter restringida sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade. (BRASIL, 2008, p. 9).

Este deslocamento para o campo da diferença considera que o surdo se constitui através de experiências visuais, tendo uma escola que valorize sua língua e a defenda como necessária para o ensino de qualidade. Essas resistências desprovidas da relação de poder entre a educação colonialista, presente na sociedade brasileira, e os grupos que utilizam outras línguas também fica evidente no poema “Bilinguismo junto com Libras” (vídeo 6). Esta narrativa aborda novamente o “apelo” para o reconhecimento da Libras e do bilinguismo, pois como mostra um trecho do poema:

“Antigamente o surdo sofria muito, mas o mundo mudou agora é vida nova. Mundo bilíngue em paz, que une surdos e ouvintes”. – *trecho do vídeo 6. [tradução minha]*

É uma narrativa que aponta que é chegado o momento em que os ouvintes também devem se tornar bilíngues. Desencadeamento que proporcionaria relações de trocas e convívios sociais, excluindo essa característica educacional e social de apenas os surdos serem obrigados a saberem duas línguas, enquanto o monolinguismo²⁰ ouvinte persiste. (KARNOPP, 2005). Romper com esse viés “colonialista” é a luta mais recente destas comunidades surdas e por isso é notável nessas narrativas a continuidade e persistência na defesa pelo reconhecimento de suas características e formas de “ser surdo”, construindo uma educação bilíngue que responda a essas reivindicações e assuma uma abordagem com olhar cultural e da diferença.

Essas lutas, presentes nas formas de narrar, demonstram o posicionamento político desses surdos perante os movimentos em defesa de escolas bilíngues, que privilegie o ensino

²⁰ Refiro-me ao monolinguismo oral em relação ao uso da língua de sinais, porque como ressaltai no capítulo “TERRITÓRIOS INVESTIGATIVOS: olhar para a educação de surdos no Brasil”, ser bilíngue, recentemente, é uma necessidade contemporânea, por causa dos avanços tecnológicos que possibilitam o rompimento de fronteiras.

através da língua de sinais. Esses movimentos de resistência como traz a autora Liliane Giordani (2010) são:

Movimentos questionadores das representações ouvintistas sobre as mentes e corpos surdos, manifestações de contracultura que pautam sua escolarização, os espaços de trabalho, lazer, para além do “reconhecimento” e da “oficialização” da língua de sinais [...]. (GIORDANI, 2010, p. 69).

Assim, este poema que carrega em seu título o termo “Bilinguismo” (vídeo 6) tenciona o “leitor” a refletir sobre uma sociedade bilíngue, algo que vai além do convívio escolar. No entanto, pensando neste espaço escolar e na própria Política Inclusiva, que cita a educação bilíngue para os surdos, destaca-se:

Para o ingresso dos alunos surdos nas escolas comuns, a educação bilíngue – Língua portuguesa/Libras desenvolve o ensino escolar na Língua Portuguesa e na língua de sinais, o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua na modalidade escrita para alunos surdos, os serviços de tradutor/intérprete de Libras e Língua Portuguesa e o ensino da Libras para os demais alunos da escola. O atendimento educacional especializado para esses alunos é ofertado tanto na modalidade oral e escrita quanto na língua de sinais. Devido à diferença linguística, orienta-se que o aluno surdo esteja com outros surdos em turmas comuns na escola regular. (BRASIL, 2008, p. 11).

Esse excerto mostra que esse grupo de acadêmicos reconhece esses amparos como o “mínimo” para acesso e permanência de surdos nestas escolas. Querem escolas bilíngues para surdos, com professores surdos e ouvintes, usuários da Libras, sendo o ensino ministrado na primeira língua, tendo o ensino da leitura, escrita e tradução da língua portuguesa como segunda língua. Essas questões, da importância da docência surda para alunos surdos, estão no poema “O modelo do professor surdo” (vídeo 9).

Esta narrativa mostra a surpresa de um professor surdo ao entrar na sala de aula e se deparar com crianças surdas fazendo gestos ao invés dos sinais. Isso o faz recordar de quando era criança e também usava gestos pela falta de contato com surdos, usuários da Libras. Ou seja, é destacada a pretensão de possibilitar um ensino desde cedo através dessa língua, coibindo repetições dessas histórias de sofrimento e dificuldades de comunicação, que muitos surdos enfrentaram durante as etapas de escolarização. Como ressalta neste trecho:

“Quando era criança também fazia gestos. O professor surdo sinalizava para mim e assim aprendi a fazer sinais, cresci e me tornei professor de Libras”. – *trecho do vídeo 9. [tradução minha]*

Este poema traz à tona a necessidade do professor da comunidade surda –adulto surdo sinalizante – ser uma referência para esses surdos. Lopes (2007, p. 87) frisa a “[...] importância dos referenciais surdos, porém não para ser um modelo a ser atingido, mas sim para funcionar como um referente linguístico”. Entretanto, identifico a abordagem dessas duas

funcionalidades como professor surdo: ser modelo, como incentivo para virem a serem futuros professores surdos e ser referência, pelas questões linguísticas e vivências semelhantes, aspectos culturais. Conforme nota-se neste trecho:

“Alunos e alunas crescem e se tornam professores de Libras. Sonho vê-los professores e desejo dar-lhes os parabéns para seguirmos juntos de mãos dadas”. – *trecho do vídeo 9. [tradução minha]*

É uma luta pelo ensino em língua de sinais, demonstrando que “[...] Uma vez que a diversidade social e linguística é apagada e o monolinguismo, naturalizado, parece haver uma justificativa para que não haja questionamento sobre questões várias, por exemplo, a variedade linguística a ser meio de instrução.” (CAVALCANTI, 1999, p. 403). Diante de movimentos de reivindicação são “deixadas de lado” as diferentes identidades, formas de agir, pensar e “ser surdo”, por que:

[...] o que torna uma comunidade forte, ou um movimento forte é a ideia de que ele é um bloco único e sólido. Dentro de uma comunidade os interesses individuais (sua liberdade de escolha e opinião) muitas vezes se diluem em troca da segurança que ela dá ao sujeito. (MOURÃO; POKORSKI, 2013, p. 10).

Por isso o contato entre os surdos são tão importantes, seja nos espaços educacionais quanto nos sociais, já que é no encontro e, principalmente, nas comunidades surdas que suas reivindicações são defendidas e ao se unirem “[...] rompem com as políticas hegemônicas de representação da alteridade surda, a partir do paradigma da pedagogia da diferença”. (GIORDANI, 2010, p. 69). De tal modo, adentro na fábula “Lua, a lobinha surda” (vídeo 7), que traz aspectos referentes à importância da Libras, do ensino bilíngue com convívio e contato entre os surdos, além das trocas entre surdos e ouvintes. O principal destaque nesta narrativa está no surdo como alguém diferente e que necessita do contato com outros surdos para aquisição da sua língua e aprendizagem da língua onde vive, como segunda língua. Como mostra num trecho da história:

“Todos aprenderam facilmente a comunicarem-se com Lua, pois dona Águia [...] havia ensinado a língua de comunicação dos surdos, conhecida como a língua de sinais, muito usada na escola em que ela trabalha. Todos os dias a lobinha saía escondida do grande líder e ia para a escola bilíngue onde trabalha dona Águia. Lá aprendia na língua de sinais a língua da floresta, seus coleguinhas era o elefante Joy, a girafa Pita e o ursinho Duk, também surdos”. – *trecho do vídeo 7. [tradução minha]*

Aqui fica evidente a aceitação da sua diferença perante o grupo, tanto que eles aprenderam com facilidade a língua de sinais para se comunicar com ela. Sua exclusão da alcateia somente tem continuidade devido à recusa do líder em aceitar no seu grupo uma loba “diferente²¹”. Alfa, o lobo líder, pronuncia as seguintes frases:

“Como assim diferente? Não existem lobos diferentes.” [...] “Um lobo surdo vai acabar com nossa imagem.” [...] “não quero que ninguém saiba que no nosso grupo temos um lobo surdo”. – *trecho do vídeo 7. [tradução minha]*

Assim, ela é obrigada a ficar escondida na toca. Por isso, como destacado no trecho anterior, ela saía escondida dele para frequentar as aulas na escola bilíngue. Nesta escola, pelo contato com outros surdos e aprendizagem da sua língua viso-gestual, “Lua - a lobinha surda”, passou a constituir sua identidade surda, em que nesta narrativa o “[...] *ser surdo* pode ser compreendido como a possibilidade de ter uma existência construída sobre marcadores que afirmam a produtividade da diferença, a presença imperiosa do *ser* sobre si” (LOPES; VEIGA-NETO, 2006, p.91).

No desenrolar da história, a lobinha, através das suas características surdas de ser, salva o líder de seu grupo de ser atacado por uma cobra. Desta forma, sua diferença passou a ser vista como vantagem pelo líder que decidiu também aprender a se comunicar por sinais, como ressaltou em sua fala:

“Temos em nossa alcateia uma loba que escuta com os olhos e uiva com as patas” – *trecho do vídeo 7. [tradução minha]*

Esta fala do líder está totalmente relacionada com a questão do ser surdo como sujeito visual que “fala com as mãos e ouve com os olhos”. Com isso, é demonstrado o quanto a experiência visual é marca fundamental da característica surda de viver bem como deixa enfatizado o quanto essa marca surda deve ser valorizada nos espaços sociais.

Enfim, o ensino tanto nesta narrativa como nas demais envolvem os marcadores surdos e apresentam “vozes” sinalizadas que desejam cessar as tentativas de fazer o surdo falar, pois eles tem uma língua que deve ser utilizada. As narrativas consideram que os surdos estão em contato constante com duas línguas – Libras/Língua Portuguesa, apontando para uma educação bilíngue vinculada as relações de trocas entre si, surdo – surdo, e entre ouvintes

²¹ Termo usado pela mãe de Lua, a lobinha surda, ao explicar para o líder da matilha o porquê dela não escutar o seu chamado.

e surdos, promovendo a aquisição dessas duas línguas – Libras como primeira língua e Língua Portuguesa como segunda língua, modalidade escrita. Por isso, as reivindicações permanecem principalmente questionando o “[...] quão natural uma língua pode se desenvolver sem que haja trocas entre pares, sem que ela seja vista como uma língua de igual potencial ao da língua portuguesa”. (MOURÃO; POKORSKI, 2013, p. 5). Excerto que pode ser comparado ao poema “Você precisa ser surdo para entender” (vídeo 8), em que não tinha o contato com o outro, para constituir como um ser diferente cultural e linguisticamente, sendo num primeiro momento apresentado nas características da deficiência, focada na falta da audição como consequência para a incompreensão do que estava sendo ensinado.

Logo, destaco a Pedagogia surda que traz a questão da diferença e da defesa cultural “[...] Em que a educação dá-se no momento em que o surdo é colocado em contato com sua diferença para que aconteça a subjetivação e as trocas culturais”. (PERLIN; STROBEL, 2006, p. 19). Esses aspectos dessa pedagogia estão relacionados com os apontamentos para uma educação bilíngue, presente nessas narrativas, pois segundo elas essa educação deve ser construída a partir da perspectiva da surdez como diferença, considerando tanto os aspectos linguísticos quanto culturais, indo ao encontro de Lopes (2007) que enfatiza sobre uma proposta educacional de caráter bilíngue. Esta autora realça que:

O caráter bilíngue de uma proposta educativa para surdos deve partir do reconhecimento da diferença cultural dos surdos, bem como do reconhecimento da língua de sinais como sendo própria da comunidade surda à qual o sujeito pertence. (LOPES, 2007, p. 69).

Portanto, essa pedagogia surda bilíngue da diferença considera os aspectos quanto aos modos de ser surdo lançados nas narrativas: a língua, a cultura, a identidade surda e, principalmente, a experiência visual, pois esta constitui a cultura surda, que molda este sujeito. A imersão desses aspectos nas produções ainda acarreta destacar que “[...] a literatura surda adquire também o papel de difusão da cultura surda, dando visibilidade às expressões linguísticas e artísticas advindas da experiência visual.” (KARNOPP, 2010, p. 164-165). Isso proporcionou relações possíveis entre cultura e educação, por essas, através da literatura, além de exaltar os aspectos ressaltados “as experiências de ser surdo” também “[...] tem assumido um caráter reivindicatório, colocando em circulação modos de ser surdo, bem como modos de pensar e agir a respeito da educação e cultura surdas” (MOURÃO; POKORSKI, 2013, p. 1).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS – perspectivas futuras

[...] o conhecimento é parcial e provisório, fazer a nossa parte é cumprir com o que nos cabe em projetos que se reconfiguram permanentemente. (COSTA, 2002, p.155).

Como dediquei esta escrita à investigação de narrativas sobre “ser surdo” e sua relação para a construção da educação bilíngue, a partir das produções culturais surdas, produzidas na disciplina de Literatura Surda, do Curso de Letras-Libras, foi possível notar nos estudos desdobrados a evidência das características linguísticas e culturais, referentes ao jeito de “ser surdo”, guiando-me a pensar sobre a necessidade de uma educação bilíngue baseada na política da diferença. Política essa norteadora por uma educação que perpassasse as barreiras monolíngüísticas, que dominam nossa sociedade, como pude vivenciar na escola para surdos, na qual fiz meu estágio. Este ambiente segue a ideia defendida pelos surdos tanto nas narrativas como nos movimentos atuais de reivindicação por uma escola bilíngue, de uso da Libras como língua de instrução e convívio e o ensino da Língua Portuguesa em sua modalidade escrita.

Este trabalho ampliou as reflexões realizadas na prática docente, promovendo perceber a relação cultural e educacional principalmente pela confirmação da questão mais enfatizada nas disciplinas deste curso de Pedagogia, isto é, o quanto devemos considerar, como professores, as características e modos de ser dos alunos para então pensar estratégias que qualifiquem as aprendizagens. Essa relação com os aspectos presentes nas narrativas surdas, analisadas, instigou-me a continuar a pesquisar sobre esta temática contemporânea – educação bilíngue, mantendo-me imersa em pesquisas que abordem este assunto.

Destaco que para responder ao questionamento norteador deste trabalho “Como estão narrados os modos de ser surdo nas produções culturais surdas e como podem contribuir para a construção da educação bilíngue para surdos?” deparei-me com a dificuldade em selecionar e separar as narrativas por dois motivos. O primeiro motivo é pelas produções levarem a caminhos variados e múltiplas possibilidades de análise, sendo que essas recorrências escolhidas são temáticas presentes na maioria delas, tendo a ênfase em nove (9) narrativas com o intuito de dar visibilidade para essas questões, de forma sucinta e clara. Já o segundo foi para separar as narrativas conforme as temáticas, pois muitas vezes me deparei com o entrelaçamento entre elas, sobretudo havendo a necessidade de analisá-las de maneira segregada, de tal forma que resolvi abordá-las do jeito apresentado.

É importante salientar que neste Curso de Letras-Libras - espaço de legitimação da língua, cultura e identidade surda - a disciplina de Literatura Surda proporcionou a produção de narrativas. Como ressalva Karnopp (2010):

[...] percebe-se que surdos contadores de histórias buscam caminhos da auto-representação na luta pelo estabelecimento do que reconhecem como suas identidades, através da legitimidade de sua língua, de suas formas de narrar histórias, de suas formas de existência, de suas formas de ler, traduzir, conceber e julgar os produtos culturais que consomem e que produzem. (KARNOPP, 2010 p.155).

As evidências narradas se assemelhavam e se complementavam, demonstrando essa reafirmação em prol do reconhecimento do sujeito surdo, que tem vivências e modos de ser diferenciados da maioria da sociedade. Por isso, a necessidade de considerar a identidade surda frente ao ensino de crianças surdas, porque “[...] ter identidade surda é saber ser surdo sem aceitar ser colonizado pelos ouvintes. É se ver como sujeito visual, não como deficiente”. (PONTIN, 2013, p. 2).

Por este motivo, o trabalho despertou vontades de dar seguimento às análises na busca de respostas as diversas interrogações que pairavam sobre mim a cada delineamento analítico. Isso proporcionou pensamentos de continuidade da pesquisa, para busca de novas visões que orientem para a importância de uma educação bilíngue para surdos, contribuindo para a construção da mesma, por ser uma reivindicação recente e muito defendida e aclamada pelos surdos, deste espaço acadêmico. Além de ter despertado vontades de aprofundamento de questões mais específicas como no caso de certos gêneros literários, ao qual cito a poesia e o poema em Libras²².

Esta inquietação ocorreu nos momentos de tradução dos trechos das narrativas, em que o gênero textual era poema ou poesia, pois percebi as perdas linguísticas ao traduzir de uma língua visual para uma língua oral. Por isso, considero a importância que teria de possibilitar, aos leitores deste trabalho, as informações referentes às características que envolvem esses gêneros na Libras. Acredito que seria uma explicação fundamental, mas que, contudo, renderia mais um capítulo analítico impossibilitado por questões de tempo e espaço.

²² O gênero poesia é estudado por PORTO (2011).

7 REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>>. Acesso: 10 de abril de 2013.

BORTOLETTI, Priscila de A.; MÜLLER, Janete I. Produções culturais surdas no curso de Letras-Libras. In: **5º SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO/ 2º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO: nas contingências do espaço-tempo**. Canoas: Ulbra, 2013. [s.p.] Disponível em: CD-ROM.

CAMPELLO, Ana R. Lage et al. **Carta Aberta ao Minitro da Educação**. [s.l], 2012. 5 folhas (texto digitado). Disponível em: <www2.unirio.br/unirio/cchs/educação/grupo-de-pesquisa/CARTAABERTADOSDOUTORESSURDOSAOMINISTROMERCADANTE.pdf> Acesso em: 02 de abril de 2013.

CAVALCANTI, Marilda C. **Estudos sobre educação bilíngue e escolarização em contexto de minorias linguísticas no Brasil**. Delta, v.15, 1999. P. 385-417. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501999000300015&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 de abril de 2013.

COSTA, Marisa V. Uma agenda para jovens pesquisadores. In: _____ **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2007. P.149-156.

FACHIN, Odília. PESQUISA. In: _____ **Fundamentos de Metodologia**. São Paulo: Saraiva, 2003. P. 121-138.

GODOY, Arilda S. Característica da pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, v.3, n.2, 2005. Disponível em: <http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_qualitativa_tipos_fundamentais.pdf>. Acesso em: 28 de março de 2013.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Revista: Educação & Realidade**, v.22, n.2, jul./dez, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro : DP&A, 2005. 10. ed.

GIORDANI, Liliane. Educação inclusiva na educação de surdos: o que se permite entre a política oficial e o movimento social? In: VIEIRA-MACHADO, Lucienne M. da C. LOPES, Maura C. **Educação de Surdos: políticas, língua de sinais, comunidade e cultura surda.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010. P. 68-80.

KARNOPP, Lodenir B. Diálogos traduzidos: leitura e escrita em comunidades de surdos. In: SILVEIRA, Rosa M. H. **Cultura, poder e educação: um debate sobre estudos culturais em educação.** Canoas: Ulbra, 2005. P. 225 – 240.

KARNOPP, Lodenir B. Educação bilíngue para surdos: ao que estamos sinalizando? In: FREITAS, Débora; CARDOZO, Sandra. (orgs). **(In)formando e (re)construindo redes de conhecimento.** Boa vista: UFRR, 2012. 1ªed. v.1. P. 15-39.

KARNOPP, Lodenir B. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. In: LUNARDI-LAZZARIN, Márcia L; LOPES, Maura C; MACHADO, Fernanda de C. **Caderno de Educação.** Pelotas, n.36. mai/ago, 2010. P. 155-174.

KARNOPP; KLEIN; LUNARDI-LAZZARIN. (orgs.). **Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações.** Canoas: Ulbra, 2011.

LANE, Harlan. Representações do surdo: a deficiência e os modelos culturais. In: _____ . **A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada.** Lisboa: Instituto Piaget, 1992. Coleção: Horizontes Pedagógicos. Tradução: Cristina Reis. . P. 19 – 41.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação,** n. 19, jan/fev/mar/abr. 2002.

LOPES, Maura C. **Surdez & Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOPES, Maura C. Inclusão escolar: currículo, diferença e identidade. In: LOPES, Maura C; DAL'IGNA, Maria Cláudia. (orgs.). **In/exclusão: nas tramas da escola.** Canoas: Ulbra, 2007. P. 11-33.

LOPES, Maura C; VEIGA-NETO, Alfredo. Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar. **Perspectiva – Revista do centro de ciências da educação,** Florianópolis, v.24, n. Especial, jul/dez, 2006. Disponível em: <<http://www.perspectiva.ufsc.br> Acesso em: 30 de abril de 2013>. Acesso em: 10 de maio de 2013.

LOPES, Maura C; VEIGA-NETO, Alfredo. Marcadores culturais surdos. In: VIEIRA-MACHADO, Lucienne M; LOPES, Maura C. **Educação de surdos: políticas, língua de sinais, comunidade e cultura surda**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010. P. 116 – 137.

LOPES, Maura C. Relações de poderes no espaço multicultural da escola para surdos. In: SKLIAR, Carlos. **A Surdez: um olhar sobre a diferença**. Porto Alegre: mediação, 2010. 4ª edição. P. 103 – 118.

LULKIN, Sérgio. O discurso moderno na educação dos surdos: práticas de controle do corpo e a expressão cultural amordaçada. In: SKLIAR, Carlos. **A Surdez: um olhar sobre a diferença**. Porto Alegre: mediação, 2010. 4ª edição. P. 33 – 49.

MOURÃO, Cláudio H. N. **Literatura surda: produções culturais de surdos em língua de sinais**. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/32311>>. Acesso em: 15 de março de 2013.

MOURÃO, Cláudio H. N; POKORSKI, Juliana de O. Arte Surda: produto e produtora do movimento de resistência política dos surdos. In: **5º SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO/ 2º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO: nas contingências do espaço-tempo**. Canoas: Ulbra, 2013. [s.p.] Disponível em: CD-ROM.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. Um apanhado teórico-conceitual sobre pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Revista Travessias: Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte**, V. 2, n. 3, 2008. Disponível em: <http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_004/artigos/educacao/pdfs/UM%20APANHADO%20TE%D3RICO-CONCEITUAL.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2013.

PERLIN, Gládis T; STROBEL, Karin. Modelos Educacionais na Educação de surdos. In: _____ . **Fundamentos da educação de surdos**. 2006. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/adl/fb/logs/Arquivos/textos/fundamentos/Fundamentos_da_Educ_Surdos.pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2013.

PERLIN, Gládis T. O lugar da cultura surda. In: THOMA, Adriana da S; LOPES, Maura C. (orgs.) **A Invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade, diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. P. 73 – 82.

PERLIN, Gládis T. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos. **A Surdez: um olhar sobre a diferença**. Porto Alegre: mediação, 2010. 4. ed. P. 51-73.

PERLIN, Gládis T; MIRANDA, Wilson. Tendências – Surdos: o narrar e a política. **Revista Ponto de Vista**, Florianópolis, n.05, 2003.

PONTIN, Bianca. Implante Coclear: o que os surdos têm a dizer? **In: 5º SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO/ 2º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO: nas contingências do espaço-tempo**. Canoas: Ulbra, 2013. [s.p.] Disponível em: CD-ROM.

PORTO, Shirley B. das N. Análise de poesias em língua de sinais. In: DORZIAT, Ana. (org.). **Estudos Surdos: diferentes olhares**. Porto Alegre: Mediação, 2011. P. 62-104.

QUADROS, Ronice M. de. O ‘BI’ em bilinguismo na educação de surdos. In: FERNANDES, Eulália. **Surdez e bilinguismo**. Porto Alegre: Mediação, 2010. P. 27 – 37.

QUADROS, Ronice M. de; KARNOPP, Lodenir B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RATTO, Ana L. S. **Livros de ocorrência: (in)disciplina, normalização e subjetivação**. São Paulo: Cortez, 2007.

ROCHA, Cristiane R. da. **História dos Surdos**. 2013. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/CristianeRibeirodaRo/oficina-em-ibaiti>> Acesso em: 13 de maio de 2013.

SÁ, Nídia R. L. de. **Cultura, Poder e Educação de Surdos**. São Paulo: Paulinas, 2002.

SÁ, Nídia R. L. de. O discurso surdo: a escuta dos sinais. In: SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2010. 4. ed. P: 167-190

SILVEIRA, Rosa H. Discurso, escola e cultura: breve roteiro para pensar narrativas que circundam e constituem a educação. In: _____ **Cultura, poder e educação: um debate sobre estudos culturais em educação**. Canoas: Ulbra, 2005. P. 197-209.

SILVEIRA, Rosa H; BONIN, Iara T; RIPOLL, Daniela. Ensinando sobre a diferença na literatura para crianças: paratextos, discurso científico e discurso multicultural. **Revista Brasileira de Educação**, v.15, n. 43. Jan./abr. 2010.

SILVEIRA, Rosa H. Contando histórias sobre surdos (as) e surdez. In: COSTA, Marisa. (org.) **Estudos Culturais em educação**. Porto Alegre: Editora UFRGS, ANO. 2. ed. Cap. 7 p. 175-204. 2000.

SKLIAR, Carlos; QUADROS, Ronice. Invertendo epistemologicamente o problema da Inclusão: os ouvintes no mundo dos surdos. **Estilo da clínica**, São Paulo, Vol. V, nº9, 2000.

SKLIAR, Carlos. (org.) **Atualidade da Educação Bilíngue para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999. 1 v.

SKLIAR, Carlos. Diferenças: as armadilhas de um sistema de exclusão. **Folha dirigida**, [s.l.], 2003. Entrevista concedida. Disponível em: <http://www.folhadirigida.com.br/htmls/Hotsites/Professor_2003/Cad_05/EntCarlosSkliarFdg.html>. Acesso em: 25 de abril de 2013.

SKLIAR, Carlos. (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

THOMA, Adriana da S. A inversão epistemológica da anormalidade surda na pedagogia do cinema. In: THOMA, Adriana da S; LOPES, Maura C. **A Invenção da Surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005. P. 56-69.

THOMA, Adriana da S; KLEIN, Madalena. Experiências educacionais, movimentos e lutas surdas como condições de possibilidade para uma educação de surdos no Brasil. In: LUNARDI-LAZZARIN, Márcia L; LOPES, Maura C; MACHADO, Fernanda de C. **Caderno de Educação**. Pelotas, n. 36m mai/ago. 2010. P. 107 – 131.

WORTMANN, Maria Lúcia C. O currículo na literatura infanto-juvenil: uma incursão à Escola Hogwarts e ao mundo de Harry Potter. **Revista Currículo sem fronteiras**, v.11, n.2, Jul/Dez, 2011. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss2articles/wortmann.pdf>>. Acesso em: 20 de abril de 2013.